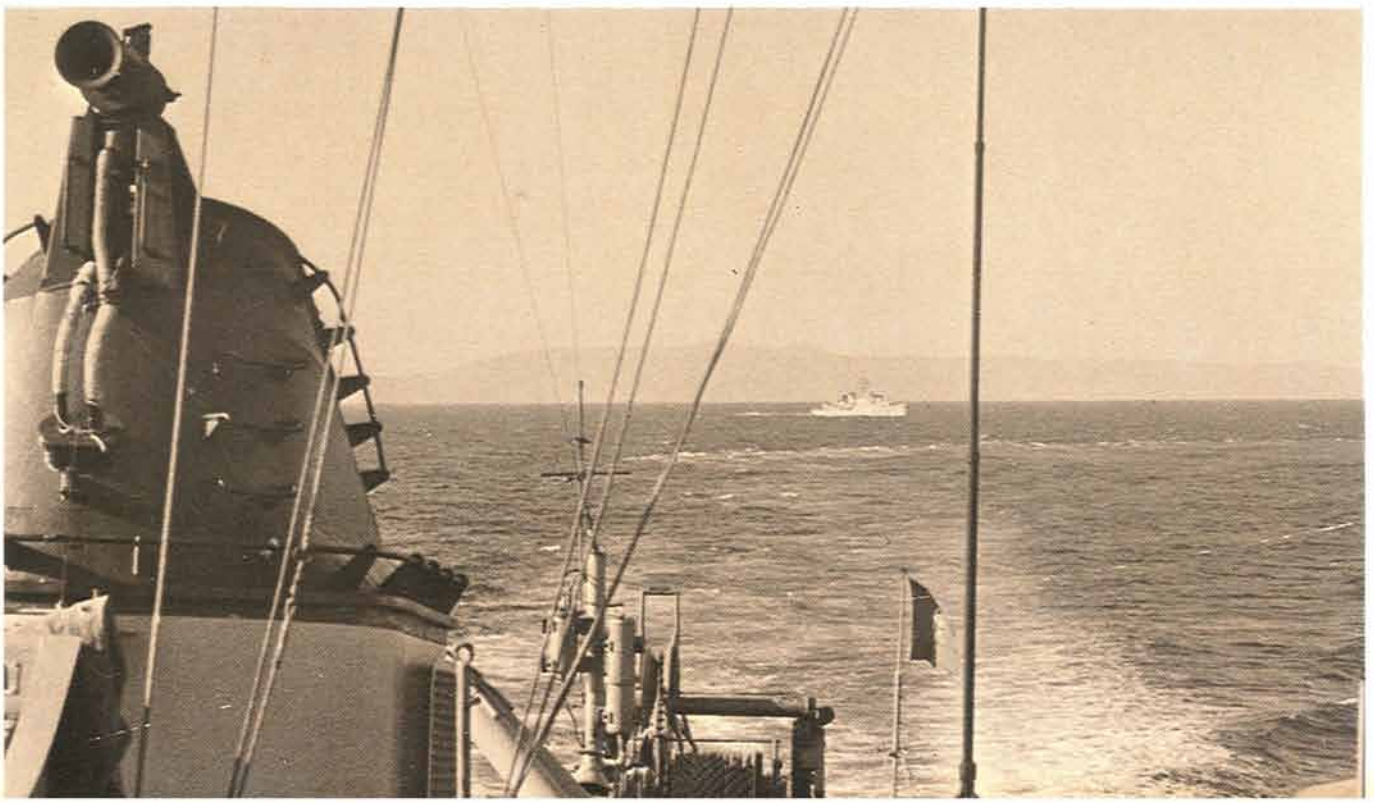
N.º 23 / AGOSTO 1973 / ANO III

revista da ARMADA

sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
S. Elpídio	**Perguntas... Com Cocha** **Respostas... Descochadas**	4
M. Horta	**Efemérides Navais**	4
S. Machado	**A Heráldica na Armada**	5
M. Oliveira	**A Tempestade**	7
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** Quem conhece O Museu de Arte Contemporânea	8
S. Elpídio	**Saibam Todos**	12
A. Chuquere	**Notícias Pessoais**	12
O. Lemos	**O Homem e o Barco**	13
Redacção	**Voz da Abita**	16
G. Brandão / V. Pinto	**Filatelia**	17
A. Fernandes	**O Aquário Vasco da Gama**	19
J. Fonseca	**Desportos**	21
S. Elpídio	**Reportagem**	22
S. Machado	**Quarto de Folga**	32

Manobras na costa *(Foto de A. Fernandes)*



REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 23 / AGOSTO DE 1973 / ANO III

Preço de venda avulso 3$00

Assinaturas anuais:

Continente e Ilhas 24$00
Ultramar e Brasil (Via marítima) 26$00

Na capa:

ALFEITE – Escola de Limitação de Avarias. Treino de ataque a incêndios.
(Foto de A. Fernandes, Fotógr. do Gab. de Fotog. do E. M.A.)

Execução gráfica:
IMPRIMARTE, Publicações e Artes Gráficas, S.A.R.L.

nota de abertura

A ALMA DE UM POVO

Este ano, nas festas dos santos populares, não houve o costumado concurso das marchas dos bairros. Em vez disso, realizou-se o desfile do Mundo Lusíada, em que participaram três pares com trajos típicos e um rancho regional de cada distrito do Continente e Ilhas.

Feliz ideia esta de dar aos portugueses um «arzinho» do que é a sua terra. Minho, Trás-os-Montes, Douro, Beiras, Estremadura, Alentejo, Algarve e Ilhas, tudo passou ante os nossos olhos, num cortejo de sonho e deslumbramento.

Homens e mulheres dum Povo que canta, que ri, que chora e que sofre, Portugal eterno, Pátria bendita que nada nem ninguém jamais poderá destruir. Naquela noite de 20 de Junho, na Avenida da Liberdade, desfilou realmente a alma do nosso povo simples e verdadeiro. Garanto-o porque tive a sorte de ser criado no meio dele e conheço-o bem...

M. dos Santos

Com

Perguntas... Com Cocha

1 – Baioneta é arma?
2 – A balança da agulha faz pesagens?
3 – Balão pode subir no ar?
4 – Banco serve para sentar?
5 – Banda é agrupamento musical?
6 – Bandeira caída, quem a vai apanhar?
7 – A bandeira clara tem uma cor leve?
8 – E a bandeira de ausência, não está mesmo lá?
9 – Bandola é um bandolim grande?
10 – Fazer a barba é remover os pêlos da cara?

Respostas... Descochadas

1 – A baioneta é uma vela triangular envergada parcialmente numa verga que corre ao longo do mastro; recebe o mesmo nome a verga onde tal vela é envergada.
2 – A balança da agulha é a suspensão «cardan», sistema utilizado na agulha de marear que evita que os movimentos do navio alterem a posição dos seus eixos vertical e horizontal.
3 – O balão é uma defensa de forma esférica constituída por um molho de cabos velhos amarrados, sobre os quais se faz um entrançado de voltas bem unidas e socadas.
4 – Em terminologia náutica um banco é uma elevação do solo submarino que impossibilita ou contraria a navegação.
5 – A banda é o lado do navio, o bordo; dá-se também esta designação à salva de tiros efectuada do mesmo bordo.
6 – Diz-se que a bandeira está caída quando não se move agitada pelo vento.
7 – A bandeira é clara quando se encontra desfraldada e livre de bater ao vento, não enrascada.
8 – A bandeira de ausência é uma bandeira especial que içada no lais da verga indica que o comandante não se encontra a bordo; idêntico procedimento é adoptado pelos iates para significar a ausência do proprietário.
9 – A bandola é uma vela envergada num pau devidamente aparelhado que substitui o mastro de navio de vela não mastreado ou desarvorado, isto é, que por qualquer razão tenha perdido mastros.
10 – Fazer a barba é navegar a passar muito perto dum obstáculo.

S. Elpídio
Cap.-frag. AN

EFEMÉRIDES NAVAIS RELATIVAS AO MÊS DE AGOSTO

17 de Agosto de 1882.

Dá-se um encarniçado combate entre a pequena charrua da Armada portuguesa «Gentil Americana», que navegava do Pará para Lisboa, e um corsário que quis apresá-la.

Era a «Gentil Americana» comandada por Joaquim Manuel Mendes, que nesta luta iria dar a sua última ordem. Jovem comandante, destemido, «buscou a posição mais arriscada, a descoberto, em cima da gaiúta do camarim», em lugar de ir para catavento, para dali dirigir o combate, e onde seria atingido por um tiro de artilharia, que lhe esfacelou parte do tronco. Ordenou que lhe metessem um chumaço de lenços na ferida e continuou a dirigir a luta até ao último sopro de vida.

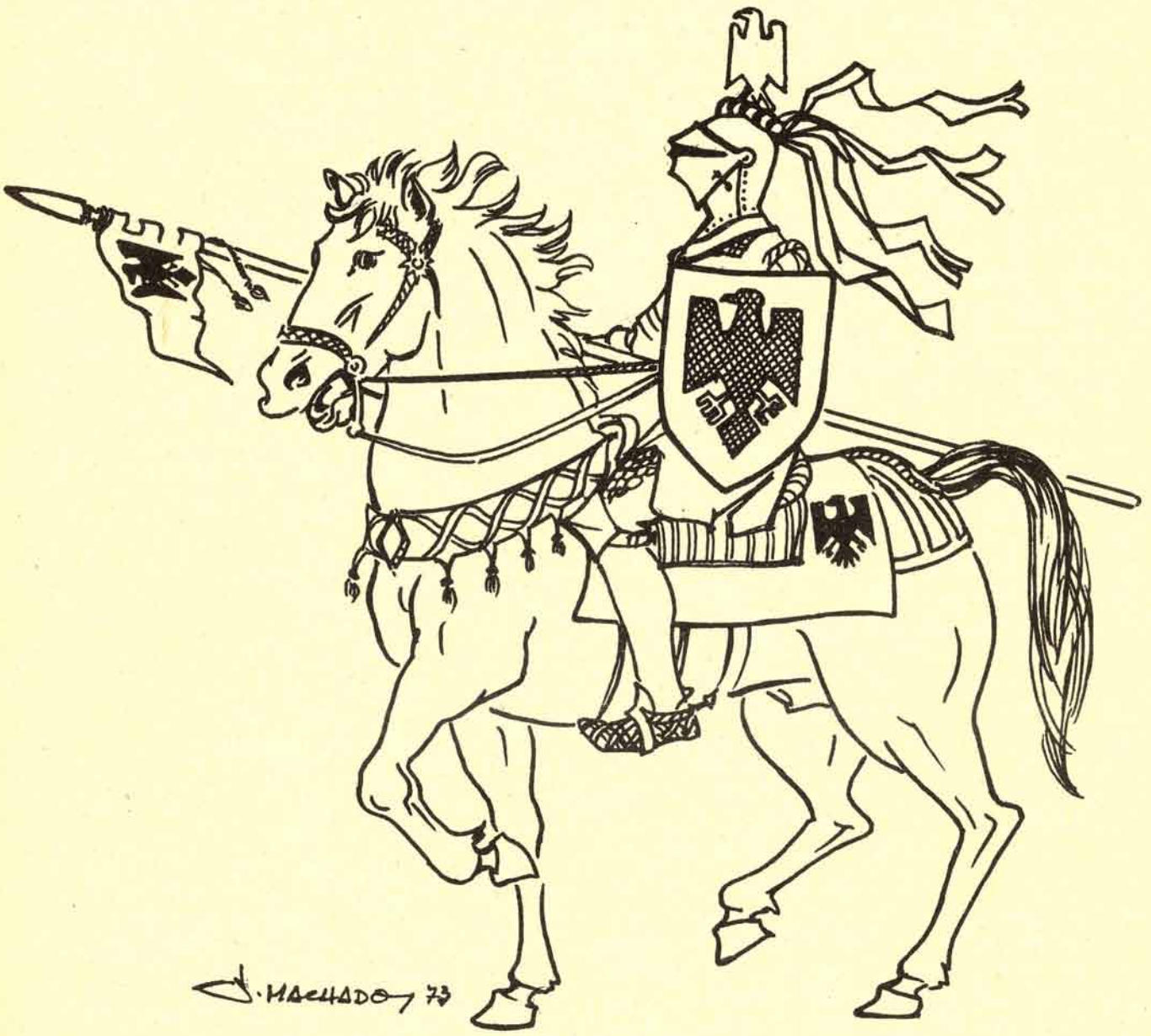
«Tão habilmente manobrara o seu navio que o corsário foi forçado a retirar, derrotado, quando o comandante já tinha morrido.»

M. Horta
Sarg.-aj. L

A Última Ordem do Comandante
(Óleo de Elisa Bermudez Felismino – 1959. Quadro pertencente ao Museu de Marinha)

A HERÁLDICA NA ARMADA

Na sua linguagem rigorosa e fria, como é do estilo, trouxe-nos a «Ordem da Armada» de 3 de Janeiro deste ano um regulamento de heráldica para a Marinha. A uns terá passado despercebido, outros pensarão tratar-se de bizantinice com rara aplicação, os menos especulativos duvidarão possivelmente da oportunidade de tal assunto na vertigem positiva do tempo que vivemos. A verdade é que o termo nos remete, realmente, em primeira aproximação, para a época vistosa da cavalaria medieval, cheia de individualismos marciais, cheia de galhardia, mas ultrapassada. Cheiram a mofo, hoje, preocupações ou vaidades de linhagens familiares, com que, sem querermos, relacionamos a heráldica. E, todavia, isto é apenas o resultado de um julgamento leviano, de primeira vista. A heráldica vive, e persiste com larga intensidade, à nossa volta. Se conseguirmos reagir ao paladar histórico que o termo imediatamente nos relembra verificamos até que uma heráldica própria, actual, viva, não terá tido nunca em épocas passadas tão grande difusão. Só que não lhe chamamos, de facto, heráldica...



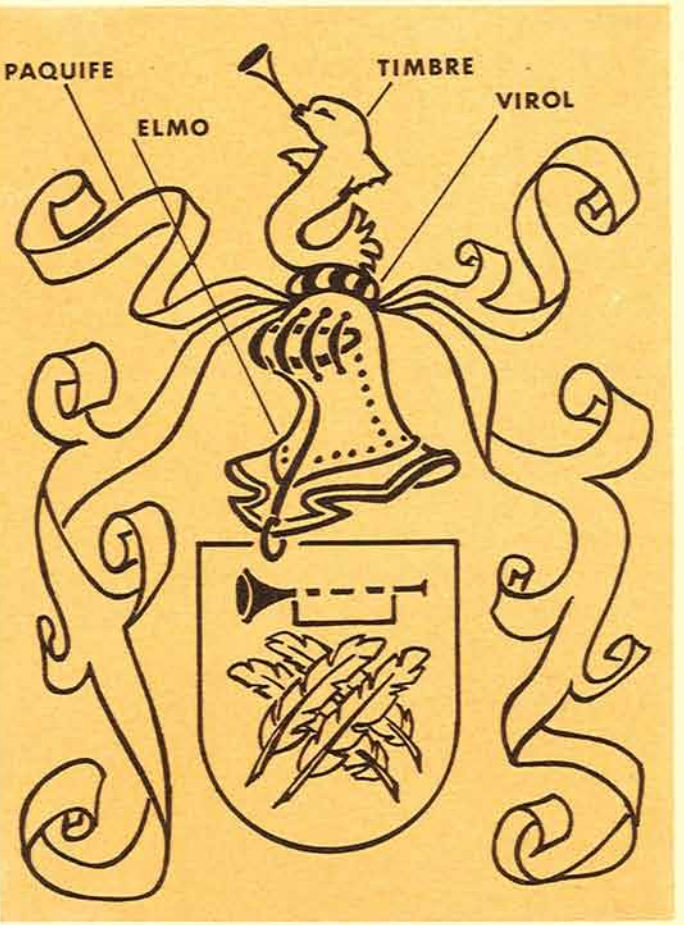
Consultando um bom dicionário da língua portuguesa, encontramos a primeira definição de heráldica como ciência: a ciência dos brasões; e, logo a seguir, como arte: o arranjo ordenado, estético e a representação gráfica dos brasões. Pois bem. E o que é um brasão? No conceito mais corrente associa-se o termo brasão ao emblema de família nobre. Aí está: emblema e nobre; não se sabe porquê (talvez o peso da História) puxa-nos mais a semântica para o lado da nobreza, que para o lado da emblemática. E é nisto só que reside o engano fundamental. Porque é no emblema, e na representação simbólica, no sinal, na figura, na insígnia que identificam, na divisa, no timbre ou no distintivo proclamados que a heráldica enraiza e se justifica.

O termo heráldica deriva do latim medieval «heraldu» que se traduziu também na palavra arauto, com significado afim. Na verdade, o heraldo da cavalaria não era mais que o arauto anunciador dos participantes em torneios e justas, mencionando-os pelos seus distintivos próprios, mistos de cores e figuras simbólicas.

Já antes, naturalmente, os homens se tinham preocupado com representações estilizadas, simbolistas, para identificação de grupos guerreiros, legiões ou os seus chefes, erguendo-os nas lanças, nos elmos, pintando-os nos escudos, nas velas ou nas proas dos navios.

Águias, leões, chifres, crescentes e animais mitológicos decoram indumentárias guerreiras, armas ou defesas, para impressionarem, senão, melhor ainda, para identificarem, amigos e inimigos. Isto vinha da antiguidade egípcia, mesopotâmica, grega e romana, até que o senhor feudal lhe deu foros de grande esplendor com que se projectaria para os séculos adiante. É na Idade Média, realmente, que a representação simbólica de certos feitos, ou de simples relações terminológicas de nomes, escolhida pelo próprio, em princípio, depois transmitida de pais a filhos (onde se torna familiar), passa a constituir um interesse histórico, artístico e mesmo social, embora restrito à classe nobre. Nas festas de torneios, aí vemos desfraldadas as divisas dos cavaleiros, dos senhores (e damas!) dos castelos, o arauto, ou heraldo, chamando-os pelas cores dos seus escudos, pelos timbres que os individualizam e passam a identificar.

Repare-se como um cavaleiro se apresentava na liça: por sobre o elmo, uma espécie de rodilha de couro que aliviava a dureza de golpes de espada ou de cutelo, o virol, reproduzia já as cores do escudo. Em cima do virol uma figura em relevo traduzia o timbre, o motivo principal do escudo, ou figura com ele relacionada; e, pendentes para as costas, quatro tiras de pano, pintadas igualmente com as cores do cavaleiro, ondeavam, como que esvoaçavam ao sabor do trote ou do galope – estas tiras possivelmente derivadas de um só pano ou manto inicial, rasgado por golpes do adversário, passaram a constituir apenas ornamento –, o paquife. No escudo, evidentemente, o cavaleiro exibia as cores da sua simpatia, ou do simbolismo aprovado que um regulamento incipiente começava a disciplinar, ressaltando delas as figuras que adoptara como emblema, e cujo prestígio,



Escudo com Coronel Naval nas proporções correctas das regras de heráldica.

tanto como a sua dama, defendia. Nas gualdrapas dos cavalos, nas flâmulas das pontas das lanças, nos guiões ou bandeiras quando havia direito a elas, a mesma figura e cores do escudo, repetindo-se galhardamente. É esta figura de cavaleiro que se evoca, estilizada, na representação heráldica dos livros de linhagens e chega até nós como decoração dos nossos emblemas mais elaborados e tecnicamente correctos. Porque a heráldica de hoje se divulga mais pela emblemática simples: grupos desportivos adoptam cores e figuras, marcas comerciais procuram impor-se pela grafia dos elementos que sintetizam artigos comercializados ou produzidos, não se preocupando muito (e às vezes nada!) com o seu arranjo formal, lógico, estético, disciplinado, correcto. Mas tudo isso é no fundo, embora sem o querer e sem o saber, uma forma de heráldica, de identificação, de brio pelo prestígio das cores defendidas ou dos símbolos adoptados.

Só entidades mais estáveis, realmente, mais enraizadas num passado histórico, procuram a continuidade duma tradição representativa que exige reflexão, disciplina, gosto pelo aspecto decorativo, aceitação por simbologia mais subtil. É este o caso da nossa Armada, que acaba de publicar o seu regulamento de heráldica. Fixada a forma e proporções do escudo, identificada sem razões para dúvidas a sua aplicação exclusivamente naval por coronel de velas e popas de naus que o encimam, tudo quanto nele se contenha não requer necessariamente outra afirmação de que pertence à Marinha. Esta circunstância é definida pelo próprio escudo.

O que têm os comandos, serviços, unidades, direcções, escolas e demais departamentos ou entidades a que foi reconhecido direito a representação heráldica é de escolherem para seu emblema motivo que os defina o melhor e mais simbolicamente possível, buscando nas suas actividades, tradições históricas, geografia ou relações territoriais e marítimas, ou afinidades de nomes, de propósitos, de finalidades, enfim, aquela figura ou conjunto de figuras cujo arranjo ou ordenação se possa conseguir através de estilização, simples e estética. Há, evidentemente, toda uma simbologia já consagrada, para figuras, para cores, para a distribuição no campo do escudo, que merecerá, talvez, maior divulgação – o que prometemos. Por ora, cremos ter adiantado já algo de útil, para conhecimento e orientação de quem pretenda o emblema da sua unidade e não esteja tão bem dentro do assunto.

S. Machado
Cap.-m.-g.

Paisagem. Óleo de Diaz (Fitzwilliam Museum. Cambridge)

A TEMPESTADE

Nessa noite em que nós, de braço dado,
Seguíamos à beira da corrente,
O céu, de nuvens negras carregado,
Pesava sobre a terra, surdamente.

De súbito, um relâmpago fulgente
Cortou a escuridão de lado a lado,
E um ribombo soturno e prolongado
Rolou no espaço demoradamente.

Ela cingiu-se a mim; pranto desfeito!...,
Que horrível noite! Encosta-me ao teu peito,
e fala-me de amor e de paixão!...

E eu respondi: – Louca, se te persuades
Que por temeres assim as tempestades
Me levas a mostrar o coração!

Manuel Fernando Oliveira
Gr. L

Quem conhece o Museu de Arte Contemporânea ?

Retrato da Viscondessa de Meneses – por Visconde de Meneses

Já não íamos ao Museu da Rua Serpa Pinto há uns anos. As salas de exposição sofreram grandes modificações no seu arranjo com excepção daquela que em exclusivo é dedicada a Mestre Columbano.

O Museu de Arte Contemporânea deve ser visto de vez em quando, pois se vão retirando umas obras e expondo outras, por forma a poder patentear ao público a parte mais válida do seu património artístico para cuja exposição total não dispõe de salas suficientes. Na realidade, uma casa que dispõe de 7 ou 8 salas exíguas para exposição nem poderá, em boa verdade, classificar-se de museu. O património artístico contemporâneo aguarda, de há muito, edifício condigno onde possa mostrar-se aos interessados e sobretudo aos estudiosos e estudantes de arte. É uma necessidade gritante! A modesta álea de entrada surge-nos como um jardim ornamentado por esculturas de Leopoldo de Almeida, Tomaz da Costa e Simões de Almeida, cuja «Puberdade» nos dá as boas vindas. A primeira sala oferece-nos uma panorâmica da pintura Romântica, com Thomaz d'Anunciação, Cristino, Visconde de Menezes, Metrass, etc., e a visão do realismo de Lupi, secundado por esculturas de Soares dos Reis. Segue-se a sala de Columbano onde o Mes-

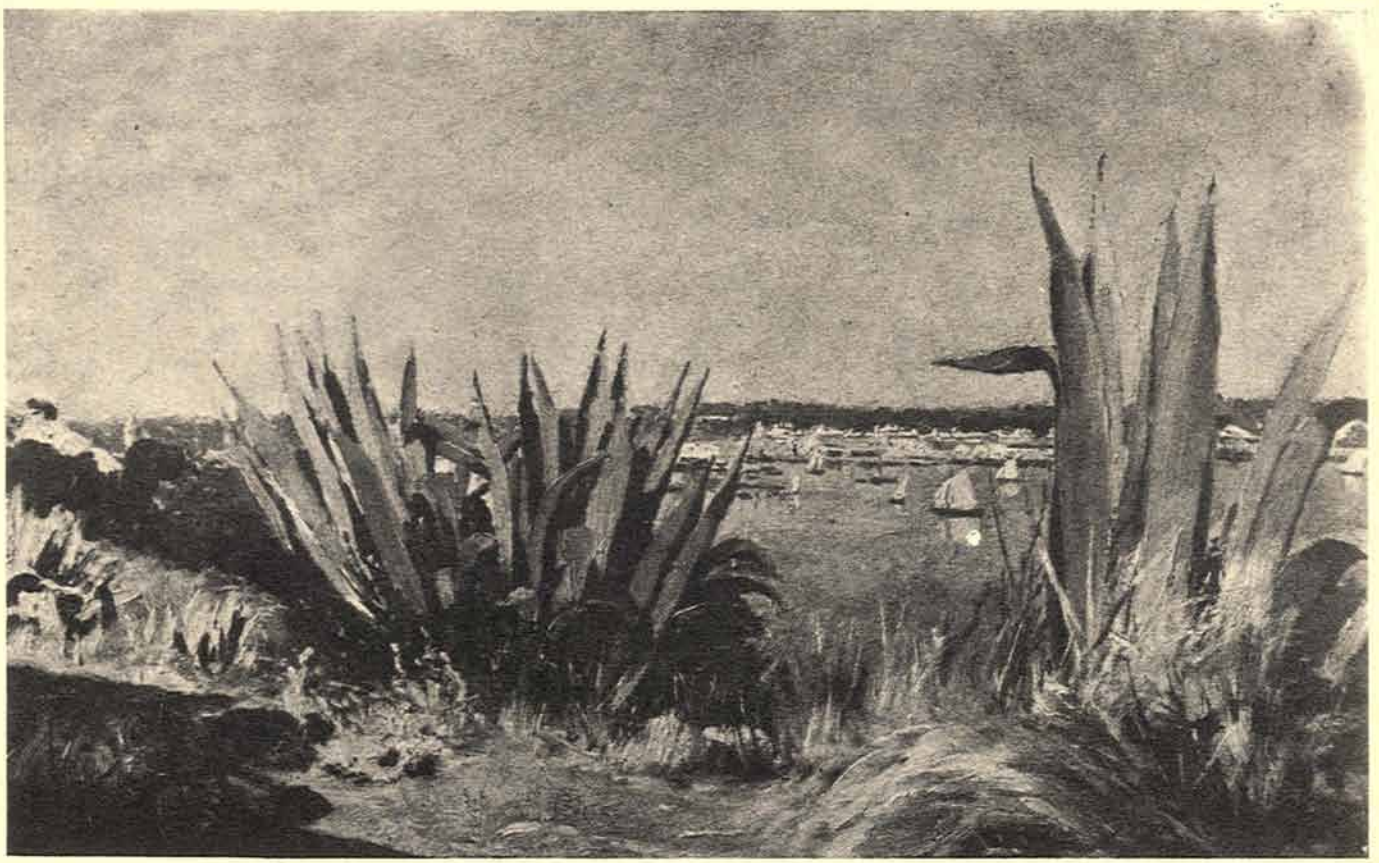
A Volta do Mercado – por Silva Porto

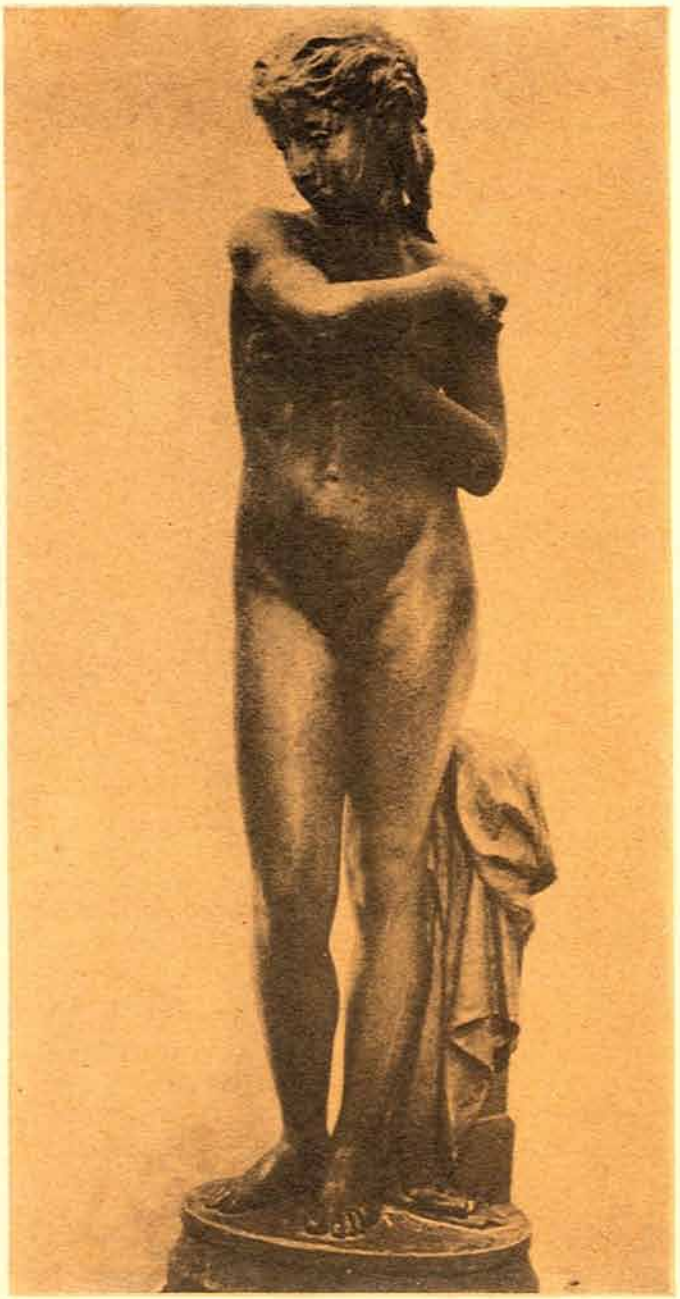
Retrato de Antero de Quental – por Columbano

tre pontifica na mestria e segurança da sua arte de retratista insigne. A sala seguinte mostra-nos os pintores naturalistas onde sobressaem os vultos de Silva Porto e Malhoa, com Veloso Salgado, Artur Loureiro, Sousa Pinto, João Vaz e outros em plêiade fecunda. Da entrada desta sala divisa-se, por motivo de feliz arranjo, como que uma janela aberta para o exterior, para o ar livre. Esta sensação é extraordinariamente empolgante e motiva-a a colocação, em posição frontal, na sala seguinte, da enorme e belíssima tela de Carlos Reis – a «Feira». Ele e Sousa Lopes enchem a sala de luz e cor. Ponte de passagem para a modernidade – esta sala onde se vêem ainda figuras e retratos de Eduardo Malta!

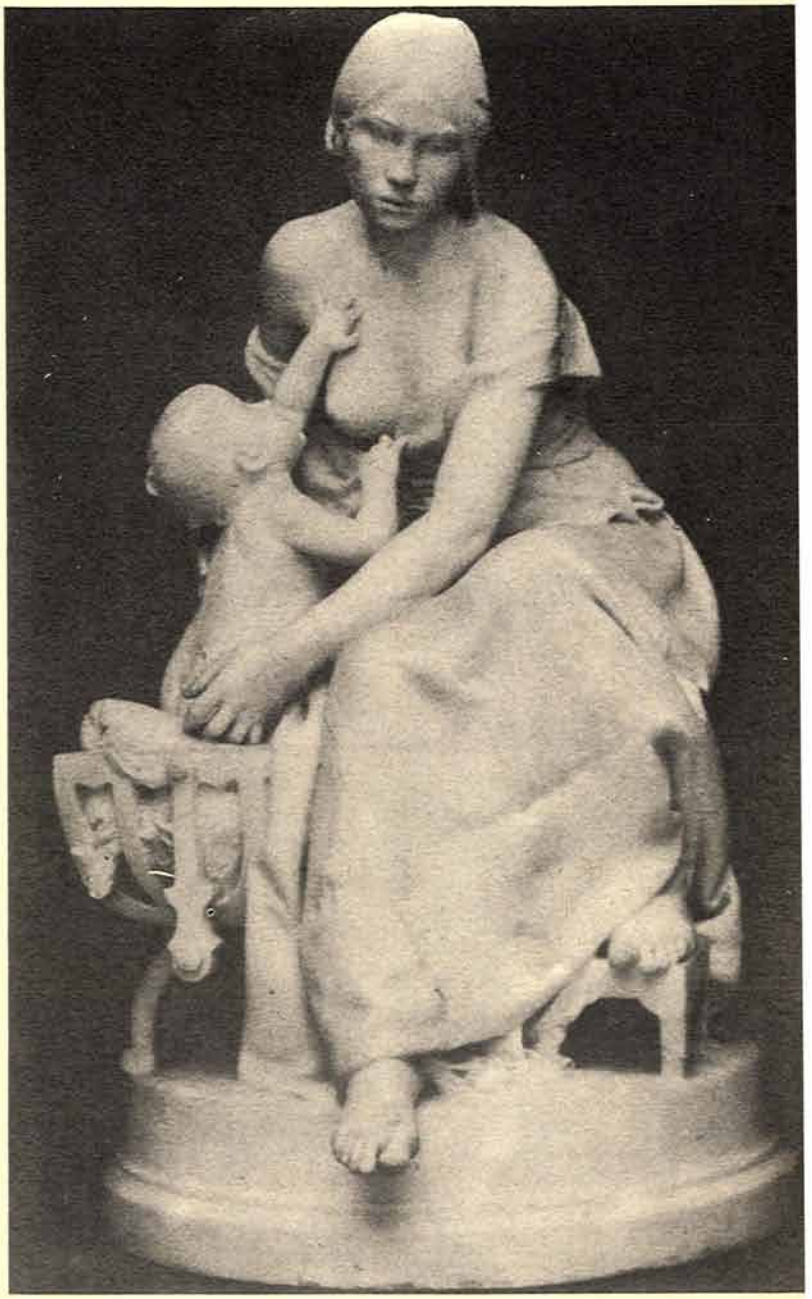
Esperando os Barcos – por Marques de Oliveira

Piteiras – por João Vaz





A Puberdade – por Simões de Almeida



A Viúva – por Teixeira Lopes

Vem agora a pintura do nosso tempo, com figuras de artistas que são dos nossos dias: Jorge Barradas, Mário Eloy, Dórdio Gomes, Luís António, Domingos Rebelo, Vieira da Silva, José Júlio, Álvaro Perdigão, Vespeira, Pomar, Costa Pinto, Almada Negreiros, Martins Barata, etc., etc., nos mais diversificados estilos e escolas. Por último, a sala onde Fausto Sampaio, Falcão Trigoso, Eduarda Lapa, Silva Luís, Murteira e Francisco Maya têm os seus quadros e onde sobressaem esculturas de Rodin e Teixeira Lopes. E, como um parêntesis, esse pequeno recanto onde se abrigam desenhos de variados estilos e onde uma «paisagem» a sépia de Thomaz d'Anunciação nos deixa entrever toda a poesia, inspiração e segurança técnica do fundador da nossa pintura romântica.

A exiguidade do Museu tem pelo menos uma vantagem: dá-nos a sensação alegre de termos visto um século e meio de pintura, sem esforço físico e sem lutar contra o tempo.

O. Lemos
Cap.-frag.

saibam todos

Que de noite, as sentinelas de um navio devem interpelar as embarcações que se dirijam ao navio ou passem na sua proximidade utilizando a expressão «Ó da embarcação». As respostas do patrão da embarcação serão dadas em voz forte e breve e consoante as circunstâncias, do seguinte modo:

1 – «Almirante» – quando conduzir um almirante
2 – «Comodoro» – quando conduzir um comodoro
3 – «Comandante», seguida da designação da força ou agrupamento – quando conduzir o comandante duma força naval ou dum agrupamento subordinado
4 – «Comandante» – quando conduzir o comandante do navio
5 – «Comandante», seguida do nome do navio – quando conduzir o comandante doutro navio
6 – «Oficial superior» – quando conduzir um oficial superior
7 – «Oficial» – quando conduzir qualquer oficial
8 – «Aspirante» – quando conduzir qualquer aspirante
9 – «Cadete» – quando conduzir cadetes
10 – «Sargento» – quando conduzir sargentos
11 – «Licenças» – quando conduzir praças que regressam de licença
12 – «Bordo» – quando apenas conduzir a guarnição da embarcação.

No caso de a embarcação não se dirigir ao navio que a chamou à fala, deverá o respectivo patrão responder «largo», quaisquer que sejam as pessoas que transporte.

Que numa embarcação a remos os remadores se devem sentar, do mais antigo para o mais moderno, pela ordem seguinte, ficando em cada bancada o mais antigo a bombordo:

– vogas
– proeiros
– sota-vogas
– sota-proeiros
– contra-vogas
– contra-proeiros
– meios

Que os médicos navais que sejam mandados embarcar no navio-apoio à frota bacalhoeira prestarão ali serviço em comissão militar, efectuando tirocínios de embarque em condições idênticas às realizadas nos navios da Armada e ficando subordinados ao oficial da Armada que naquele navio desempenha funções de capitão de porto.

Que as unidades da Armada onde o Instituto Nacional de Sangue pode regularmente proceder a colheitas de sangue são:

– Escola Naval
– Base Naval de Lisboa
– Grupo n.º 1 de Escolas da Armada
– Grupo n.º 2 de Escolas da Armada
– Escola de Fuzileiros
– Força de Fuzileiros do Continente.

notícias pessoais

CASAMENTOS

Subtenente RN José Barrera Matos Lima casou, em 23-4-73, com D. Amélia Inácio Martins de Sousa.

Subtenente RN Luís Alberto Moreira Pires e Pato casou, em 19-5-73, com D. Rosa Maria de Melo Campos.

Aspirante RN António Joaquim Curto Capelo casou, em 26-5-73, com D. Maria Fernanda Santos Lino Pires.

1.º-sarg. H Álvaro de Almeida e Silva casou, em 26-5-73, com D. Celeste Augusta de Almeida.

1.º-sarg. ARE José António do Patrocínio casou, em 20-5-73, com D. Maria Fernanda Pinha de Oliveira.

1.º-sarg. H Joaquim Frazão casou, em 11-5-73, com D. Maria da Conceição Alves Patela.

9625/C. C Manuel Antunes Pires casou, em 25-3-73, com D. Maria José Moreira Antunes.

259/66/Mar. E João Manuel Santa Cruz Rodrigues casou, em 8-4-73, com D. Maria Fernanda Franco da Cunha.

128/70/Mar. L Luís Patrício da Silva

casou, em 22-4-73, com D. Maria Emília Patrício.
726/71/Mar. CM Francisco António Branco Serrano casou, em 1-4-73, com D. Maria do Rosário Mocho Rolo.
495/68/1.º-gr. A Alfredo Jorge Ferreira Lourenço casou, em 7-4-73, com D. Beatriz de Jesus Pereira.
2078/72/2.º-gr. FZ Agostinho Ribeiro Vilela casou, em 7-4-73, com D. Maria Arminda Cardoso.

PASSAGENS À RESERVA

729/C. CM José da Costa Rainho passou à Reserva Aa em 9-5-73.

APOSENTAÇÕES

Foram aposentados em 30-6-73:
Domingos Filipe Nunes, patrão de salva-vidas do Instituto de Socorros a Náufragos.
Manuel Mendes, cozinheiro do Q. P. C. M. M.

FALECIMENTOS

Com. AN RF Carlos Henrique faleceu em 1-7-73.
Subtenente FZ RN António Bernardino Apolónio Piteira faleceu em 2-6-73.
Sarg.-aj. H RF José Cabrita Vicente faleceu em 7-6-73.
1237/Mar. aux. RA António Cardoso Venâncio faleceu em 8-4-73.
771/68/Mar. FZE António Cardoso Saraiva faleceu em 2-6-73.
1104/71/Mar. R Rui João Lança faleceu em 1-6-73.
983/70/Mar. C Mário Tristão Lucas faleceu em 12-6-73.
717/70/1.º-gr. FZE João Gonçalves Nunes Pereira faleceu em 2-6-73.
3023/71/1.º-gr. C Jorge Nelson Silva Peixoto faleceu em 8-6-73.

O HOMEM E O BARCO

Naquele tempo a Ria era um espectáculo! Nas manhãs serenas de Maio, por cima de um colchão de fina névoa, erguia-se, de Ovar a Mira, uma floresta de mastros e proas. De onde em onde, só os galopes dos mastros emergiam do algodão da bruma, como periscópios movediços num mar de nuvens. A pouco e pouco o sol, furando a névoa, ia descobrindo lagos azuis na toalha da Ria, prolongando-se os

mastros, água abaixo, em reflexos ondulantes, cortados em cruz pela meia-lua dos cascos. Pela borda, de proa à popa, os marinhões caminhavam, vergados, arrimados às varas, empurrando os barcos cuja imagem invertida tremeluzia nas rugas que a proa abria nas águas. À popa, dois ancinhos, travados à borda, penteavam o fundo com os dentes finos de madeira rija. De quando em vez, um rapazola, tisnado pelos sois de vários anos, erguia o ancinho num esforço atlético, vergado ao peso da carga de algas que escorriam, em reflexos de luz, até serem sacudidas sobre o monte que enchia já o meio do barco. Apesar da frescura da manhã, os homens escorriam como as algas, porque a faina do moliço não se faz de testa enxuta.

E quando o sol desfazia os últimos flocos de bruma e a aragem arripiava o manto da Ria, dando-lhe a tonalidade do azul profundo do mar, as velas subiam, mastros acima, todas à uma, como se surgissem lenços da água, acenando ao sol, numa alegria de corações alvoroçados e agradecidos. Os homens entregavam então às velas o trabalho do arrasto.

Sumiam-se os reflexos na crispação das águas e se o vento ponteava e enchia a vela de feição, desciam ao fundo mais dois ancinhos, cardando o sargaço que iria ajudar a terra a dar melhor pão. Naquele tempo a Ria era um espectáculo!

Pelos outeiros de Estarreja a Fermelã, muita gente enchia os olhos daquela beleza!

Nessa manhã, como em muitas outras, o Zé Manel mourejava na Ria. Ia agora sentado à popa, gualdropes na mão, aguentando o rumo e dando de escota quando o vento pedia. Começara cedo na safra do moliço, acabado o exame da quarta...

Tinha agora 17 anos. Era murtoseiro e namorava moça em Pardelhas. Ganhara há muito calo no peito por mor da vara, e calos nas mãos por via do ancinho. E era alegre como todos os marinhões que vagueavam na Ria e passavam na faina o dia inteiro para venderem a «maré» do moliço por cinquenta mil réis. Cinquenta mil réis!... O preço do suor, das rugas antes do tempo, do mal dos ossos nos anos tardios, da fome dos filhos, da angústia dos emigrados. Sim, porque muitos, cansados da vara, iam procurar nas «Américas» «as dollares» da esperança.

Ele, o Zé Manel, conhecia a Ria desde Pardilhó a Anjeja; conhecia-a a todas as horas do dia e da noite. Quando o luar enchia a Ria de luz e lhe abria à proa uma estrada de prata, a alma rude do Zé Manel aflorava as primícias da emoção. Embora lhe fosse vedado abrir as portas que davam para o jardim da poesia e do sonho não deixava preso ali no barco o pensamento. E ao olhar a cruz luminosa da capela da Senhora do Monte, perdida na lonjura, pensava na moça mais louçã de Pardelha – a Maria da Luz – a que havia de ser sua mulher. Não se demorava porém nestes «intermèzzos» porque o moliço não aparecia no barco por obra e graça do Espírito Santo. Era preciso aproveitar a maré da manhã quando a da tarde atirasse para as tantas...

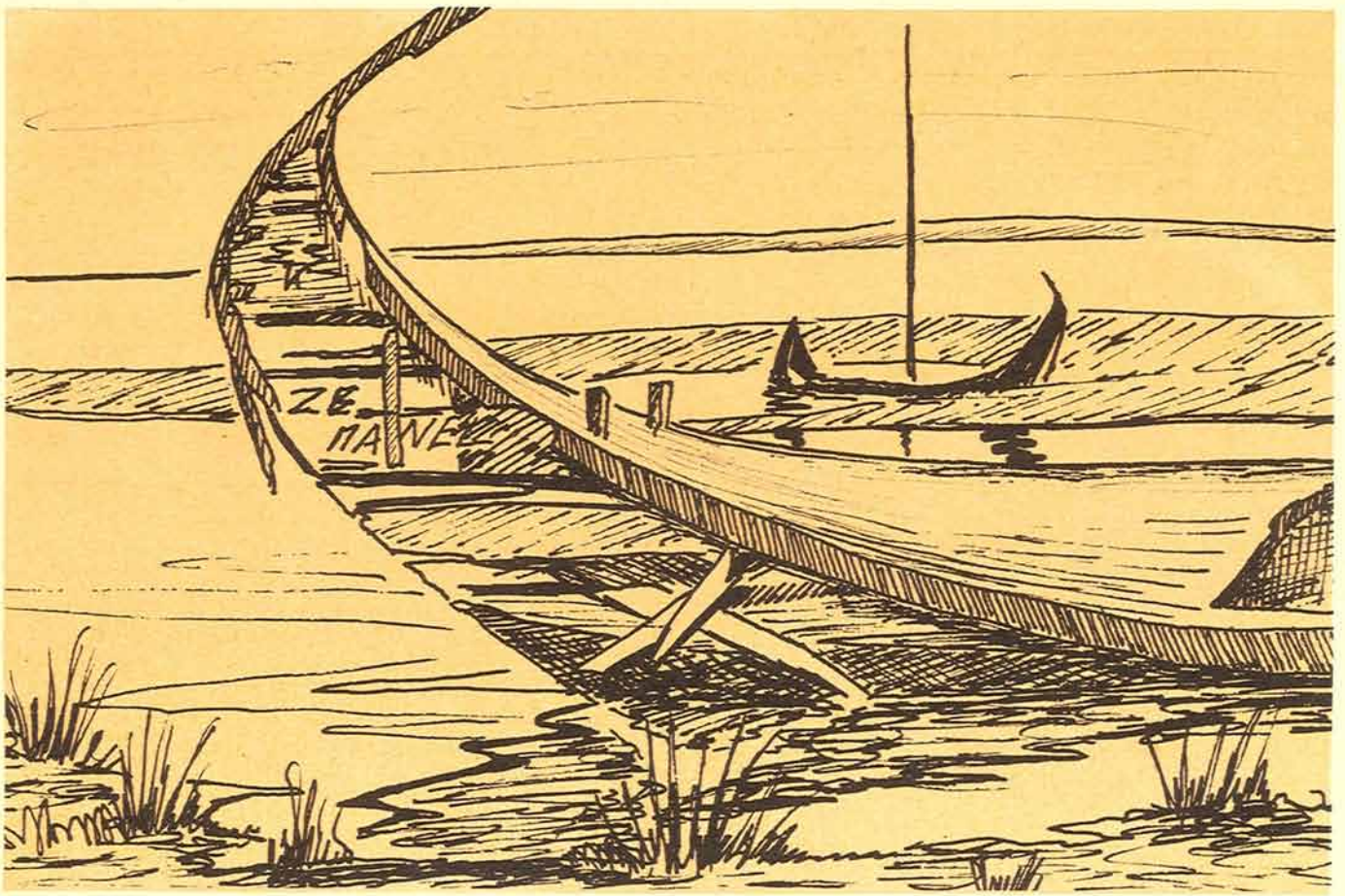
Um moliceiro, para chegar ao cais da descarga, tinha de percorrer quilómetros de esteiro, serpeando pelos arrosais. Quem olhasse, do alto das aldeias, os dilatados campos de arroz, à hora da enchente, topava, de Maio a Novembro, com esse espectáculo insólito das velas arando os arrosais, levadas na asa do vento, povoando de pontos brancos o verde dos campos como cavaleiros que erguessem na planura estandartes de paz. Uma hora ou duas, conforme o vento, levava a travessia. E o Zé Manel conhecia cada curva como os dedos das mãos. Em Setembro, quando a nortada soprava rijo, dava gosto ver o barco bolinando no estreito canal com a «toste» a espadanar na água, galgando, mesmo sem sirga nem vara, as curvas contra o vento – o pano a drapejar – arribando instantes depois para ganhar de novo alento, adornado ao peso do vento, a escota curta e o ventre da vela enrugado pelo esforço. Como eram belos os moliceiros, em tarde de vento, por entre os arrosais batidos de sol! Como era bela então a Ria, cheia do trabalho rude dos homens!

Quantas vezes percorrera o seu barco aquele esteiro?

Não tinham conta! Não raro era o primeiro a chegar porque quem primeiro chega melhor lugar ocupa e melhor vende... Um a um, os barcos atracavam arriando as velas. Encosta abaixo, taramelavam ou chiavam carros de bois com labregos, tocando de aguilhão os animais. Desciam ao esteiro a comprar as «marés» do moliço para o adubo das terras, por caminhos que nenhuma junta de freguesia conseguia tornar transitáveis. O cais transformava-se a pouco e pouco numa Babel. Chegavam mais barcos e carros. Pelo ar zuniam os «engaços» arrancando ao bojo dos barcos o moliço que se acantonava na margem em rectângulos que pareciam traçados a esquadro. Marinhões e labregos discutiam preços e praguejavam contra a dureza da vida. O negócio fechava sempre com perda para ambas as partes, pelo menos em tempo... Quem ganhava eram os donos das lojas que sempre prosperavam à beira de qualquer esteiro. O sol da Ria seca as gargantas e não há nada como o carrascão para as deixar como o veludo...

Os barcos apinhavam-se. Unidos uns aos outros confundiam-se com os reflexos que desenhavam arabescos nas águas verdes do esteiro. No meio da floresta via-se uma proa airosa, cheia de ornamentos ingénuos e prosaicos; por baixo, em letras garrafais – ZÉ MANEL. Fora o pai que lhe escrevera o nome na proa do barco por ele ser o mais velho dos irmãos.

E fora essa a vida dele e a do barco até três anos depois de casar com a Maria da Luz.
Ele e o barco – vidas ligadas pela mesma vida!
Um dia, após a faina, já metidos pelo esteiro dentro, estava a aquecer o caldo à porta da tilha – esse recanto que o abrigara de tantos aguaceiros e do relento da noite –, deu-lhe para ficar parado, cismático, sem saber que fazer. O pensamento andava longe e no coração havia uma sombra. Não comeu. O pai e o moço falavam mais que o costume, decerto para espantar a angústia. A navalha, nos dedos nervosos, aparava mal as lascas do bacalhau. Apanhou mesmo algumas do chão... Só o vinho lhe soube, quando meteu à boca a garrafa. É que era a última vez que ia ao moliço. E passavam-lhe pela memória imagens que adquiriam uma nitidez bem mais viva do que as realidades a que correspondiam.
Desfilavam em caleidoscópio os folguedos do S. Paio, os barcos engalanados, abicados à praia, de proas encurvadas como garças que olhassem para trás, interrogando a Ria; as bandeiras policromas cosidas nas tralhas das velas de cores variadas que tantos pintores quiseram reter e que tão poucos souberam lograr...
Apagou o lume quando foi preciso e arriou a vela ao chegar ao cais.
Não havia volta a dar-lhe! No domingo seguinte iria de abalada para a América, chamado pelo tio, incitado pelo sogro e com o assentimento da mulher e do pai. Os dias que se passaram pareciam horas...
O que mais lhe custou foi o adeus à Maria da Luz. Como tantas outras, vestiria de preto e seria mais uma viúva de vivos, arrastando pela Murtosa e Veiros saudades de emigrantes.
Passaram os Natais, lentamente, numa lentidão proporcional às saudades. As cores da proa do ZÉ MANEL foram fanando, comidas pelo sol e pela chuva; as rugas cavaram a face do pai já seco de forças e ele próprio, lá longe, envelhecia também, sem no entanto dar por isso. Juntara uns dinheiros e quando principiava a alimentar a esperança de um regresso para breve, chegaram-lhe cartas que – louvado seja Deus! – lhe puseram a alma no inferno. A Maria da Luz cansara-se do preto e aliviava o luto juntamente com as saudades. Eram já muitos anos, é certo, mas nunca os anos lhe mataram sentimentos e ansiara sempre recuperá-los num futuro promissor, livre do peso do trabalho rude e da miséria. Que ilusão! Recuperar os anos! Que triste desengano... Pobre ZÉ MANEL! Mais lhe valera singrar pela noite fora nas águas da Ria inundadas de luar e reflexos de estrelas e estreitar na cruz dos braços rudes, nos intervalos da safra, a Maria da luz. Mais lhe valera!
Um dia, regressou, enfim...
Tinha ainda mãe, que chorou quando o viu. Eram só três – ele, a irmã e a mãe. Os irmãos governavam a vida por outros lados. Ali, na Murtosa, no palheiro



da família, só ficaram a Rosa e a mãe. Quem ele queria, não estava. Quem ele esperava, já o não esperava... Depois das lágrimas, os olhos da mãe disseram tudo e abriram-se ainda mais as fontes da alma. À ceia comeram pouco e rezaram como antigamente a Nossa Senhora.

Passou os dias num recolhimento triste. Perguntava muito, queria viver o que perdera; procurava a ilusão... E a mãe, com paciência, contava-lhe o que podia. E soube então da morte da Ria, poucos anos depois da morte do pai. Já não iam ao moliço... As terras comiam agora o adubo despachado em sacos. Era raro ver-se uma vela. Os esteiros, sem serventia, assoreavam. Que tristeza, ver os arrosais inundados pelas águas salgadas das marés vivas, num assédio mortal, invadidos pelo junco e pela canízia!

Um dia, penalizado pela pobreza da Ria, aventurou-se a sair à tardinha e veio até à beira de água por um carreiro que conheceu os seus passos de rapaz e que a erva, agora, quase cobria. Aqui e além divisava carcaças de barcos, abandonados, sós, meio enterrados no lodo. Que tristeza! No fim do atalho, entre dois mouchões, no meio do lodo, jazia a proa acinzentada de um moliceiro, esventrada de um lado, com duas tábuas ainda pendentes, arrancadas da borda. Conservava ainda o ar insólito das garças quando olham para trás. Acercou-se mais e deteve-se a olhar as cavernas, descarnadas, saindo do lodo como um esqueleto de peixe gigante. Popa, já não tinha... Saltou para o mouchão junto à proa. Fugiram dois ratos assustados pelo barulho. Ainda se via, à entrada da tilha, uma trempe que apodrecia, comida do sol e da ferrugem. Quantos lumes conhecera?

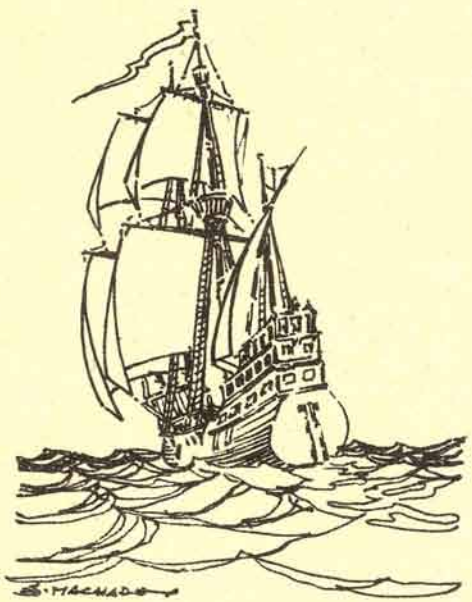
Outro pulo, e ficou sobre a proa. Por uma tábua caída via a água chapinhar no abrigo, ouvindo-lhe o eco ampliado pela ressonância. Uma saudade enorme despertou-lhe a curiosidade. De repente, ao inclinar-se ao outro bordo, julgou perceber, na podridão da madeira, restos de um desenho antigo. Investigou melhor, já de coração alvoroçado. Comidos pelo tempo, descobriu os traços vagos, mas perceptíveis ainda, de palavras. ZÉ MANEL! Santo Deus! Não pôde mais! Abraçou o arco da proa e deixou que os soluços lhe sacudissem o corpo em convulsões de desespero.

O sol ia descendo para os lados da Torreira. Restos de amarra iam dar a uma fateixa cravada no lodo – cadáver de âncora – numa ironia à esperança. Os dois, o homem e o barco, eram bem a imagem, dolorosamente perfeita, do desalento. Ouviam-se, perdidos nos longes, os cantares das raparigas que voltavam da monda. As dunas, do lado do mar, esconderam as últimas résteas de sol.

O. Lemos
Cap.-frag.

---

voz da abita



De Joaquim Capela, 2.º-sarg. C, em serviço na ilha do Faial, nos Açores, recebemos uma carta, que transcrevemos:

«Radionaval, Horta, 25-5-73.

«Respeitosamente cumprimento V. Ex.ª e ao mesmo tempo todos quantos trabalham para o progresso da nossa Revista.

«Sou assinante desde o primeiro número e com muito gosto leio toda a Revista do princípio ao fim. Vejo que tem artigos variados e para todos os gostos, mas se me permite faço aqui uma pergunta:

«Porque não se dedica um pouco da nossa Revista à divulgação de «primeiros socorros»?

«É certo que todos nós marinheiros temos umas noções a tal respeito, mas como há filhos, noivas, esposas, que também gostam de a ler, julgo que seriam do agrado geral algumas linhas sobre a dita matéria.

«Peço desculpa da maçada que vos dei e termino com um abraço para todos.»

N. R. – *Aqui deixamos o alvitre deste nosso leitor à atenção de qualquer camarada – médico ou enfermeiro – que sobre o assunto em causa queira escrever algumas linhas para publicação na nossa Revista.*

Do nosso assinante António Maria da Silva Carvalho, mar. CM, recebemos uma carta de que transcrevemos:

«Viana do Castelo, 15-6-73.

«Sou marinheiro condutor de máquinas. Encontro-me há sete meses na situação de licença registada, estando a trabalhar numa empresa de celulose como operador de caldeiras, mas jamais me posso alhear do «chamamento» do mar ou de algo que a ele esteja relacionado.

«A vida do mar é um narcótico que apesar de «não conveniente a constituir família» pelo aspecto «material e espiritual» subsiste em nos manter «drogados».

«Por mais paradoxal que pareça, mesmo quando existam páginas dramáticas no nosso diário, sucede que chegada a hora H o vício da «droga» persiste, persiste sempre! E quantas razões não teria para estar «curado» do vício!...

«Mas deixemo-nos de divagações e vamos ao âmago da questão.

«Com o melhor da minha vontade vou tentar contribuir com algo, que não sei se será válido, para a nossa Revista. No caso de o ser – como foi já outro que enviei –, aí vão algumas poesias que teria imenso prazer em ver publicadas (...).

«Sou assinante da Revista. Peço para alterarem o meu endereço, pois passei a residir em Darque devido ao meu emprego.

«Sem mais, subscrevo-me respeitosamente com cordiais cumprimentos.»

N. R. – *Foi anotada a alteração do endereço. Quanto aos poemas recebidos, serão apreciados pela Comissão de Redacção e publicados se for caso disso.*

De Mateus Delgado, cabo FZE, em serviço no Gabinete do Adido Naval da Embaixada de Portugal em Madrid, recebemos um postal, que transcrevemos:

«Madrid, 27-6-73.

«Em primeiro lugar queira V. Ex.ª aceitar os meus respeitosos cumprimentos. Tem esta o fim de acusar a recepção de uma carta comunicando que o prémio do concurso n.º 19 foi depositado na minha conta do Banco, o que muito agradeço.

«Aproveito a oportunidade para saudar quantos trabalham na nossa Revista e que bem merece ser conhecida para honra da Marinha.»

N. R. – *Esclarecemos que os prémios dos nossos concursos publicados na secção «Quarto de Folga» são constituídos por «cheques-discos» ou «cheques-livros» sobre um estabelecimento de Lisboa. Para os vencedores que prestam serviço fora da capital o valor daqueles prémios é enviado por vale postal ou depositado na conta bancária do interessado.*

NOITE

Vida sombria!
A cada passo a incerteza!
Visão oculta de um coração triste
Que a todo o instante reza
Sem se dar conta que existe;
A amargura tem nobreza!...

Noite:
Mansão vedada a quem sofre...
Uma chave em vão procuro;
Tudo é escuro!
Vejo olhos que me espreitam
E não me aceitam...

Procuro:
Ver na escuridão os olhos dela;
Não consigo... Porquê?
Porque não posso vê-la?
Se meu amor é puro!...
Ajudai-me a carregar a minha cruz,
Até que chegue o dia...
Para poder merecê-la!...

Nany
Mar. TFD

---

filatelia

NOVOS SELOS DA METRÓPOLE

Para assinalar a visita a Portugal do Presidente da República Federativa do Brasil, general Emílio Garrastazu Médici, do maior significado nas relações entre os dois povos irmãos, presentearam-nos os CTT com uma soberba e expressiva série de quatro selos, posta a circular no dia 16 de Maio, tendo como motivo a figura do ilustre visitante, os escudos dos dois países e hemisférios que mostram o Brasil e Portugal.

Trata-se de um esplêndido trabalho dos Serviços Artísticos dos CTT merecedor dos maiores louvores, que teve o melhor e mais entusiástico acolhimento nos meios filatélicos.

Ainda no dia 28 do mesmo mês, entrou em circulação a série «Pela Criança», com três motivos e valores diferentes.

Os selos, com significativos e curiosos desenhos e apresentação, pretendem despertar numa sociedade alheada, os sentimentos de carinho, ternura e compreensão que à criança são devidos.
Por isso, a finalidade da emissão aceita-se como válida e merece aplausos.

Para comemorar o 25.º aniversário do Ministério das Comunicações foi posta a circular no dia 25 de Junho uma interessante série com motivos diversos e com os valores de 1$00, 3$80 e 6$00, nos quais, em desenhos sugestivos, são postos em evidência a evolução dos meios de comunicação.
O conjunto foi bem recebido e devidamente apreciado.

I EXPOSIÇÃO FILATÉLICA DA ARMADA

Num dos salões do Palácio Foz foi solenemente inaugurada por Sua Excelência o Presidente da República, no dia 25 de Julho, a I Exposição Filatélica da Armada, que ficou patente ao público até ao dia 31 do mesmo mês.
Quando há um ano levantámos a ideia da sua realização, embora optimistas e confiados no valor e no brio dos coleccionadores de selos da nossa Corporação, estávamos longe de calcular o entusiasmo e a grande receptividade que acolheria a sugestão, e ainda mais, de prever o elevado nível dos participantes e do sucesso que, diga-se, seria alcançado.
Foi realmente notável o número e a qualidade dos concorrentes, não passando despercebido aos visitantes o facto de encontrar-se, lado a lado, em competição, filatelistas de todos os graus da hierarquia do nosso Ministério, desde grumete a oficial general, sem faltar uma expressiva presença de um funcionário civil.
Se outras motivações não houvesse – e muitas elas foram– , este facto só por si bastaria para se afirmar que a «nossa exposição» alcançou pleno êxito.
Na verdade, no conjunto dos 109 quadros apresentados, estava bem patente, além do sentido artístico, do bom gosto e de profundos conhecimentos filatélicos, aquela mística que caracteriza os homens que sabem querer e que compreendem que a cultivação da filatelia ajuda a aprofundar conhecimentos e serve para uma melhor e mais frutuosa aproximação dos homens.
Esta uma das grandes conclusões a tirar da realização da I Exposição Filatélica da Armada.

G. Brandão
2.º-ten. SG

EMISSÕES METROPOLITANAS PARA 1973

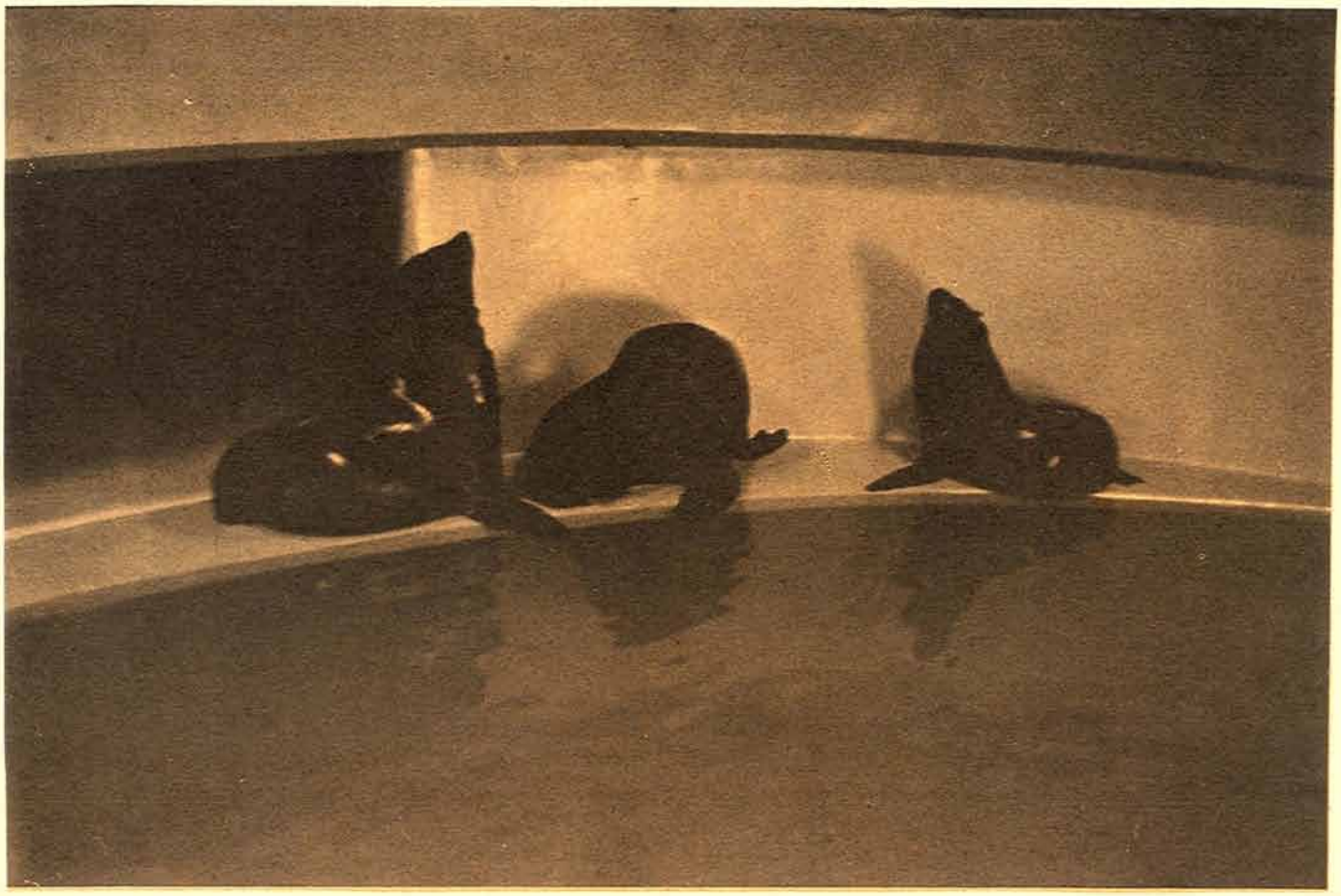
O eng.º Manuel Graça, director dos Serviços Industriais dos CTT, divulgou através do programa «Filatelia», da Emissora Nacional, o plano de emissões para o ano em curso. Como se vê por esse plano, a administração dos nossos correios continua a primar pelo cavalheirismo para com os filatelistas, não abusando com emissões especulativas tão em voga actualmente. Fazemos votos para que esta política se mantenha.
O plano é o seguinte: «Europa-73», «Visita do Presidente Médici», «Pela Criança», «25.º Aniversário do Ministério das Comunicações», «Centenário dos Transportes Colectivos do Porto», «Cinquentenário da Liga dos Combatentes», «Centenário do Ensino Primário Oficial Português» e «Alcaide de Faria».
Algumas destas emissões já estão a circular.

DIZ-SE QUE...

No próximo ano será realizada no Porto uma exposição filatélica internacional temática – «PORTO 74» –, com o patrocínio dos CTT.
Esta exposição foi anunciada pelo presidente da Associação Portuguesa de Filatelia Temática numa reunião de filatelistas realizada no Porto.

A. Vieira Pinto
Mar. A

O AQUÁRIO VASCO DA GAMA



Otárias, provenientes do Sul de Angola, que se podem ver no pavilhão das focas

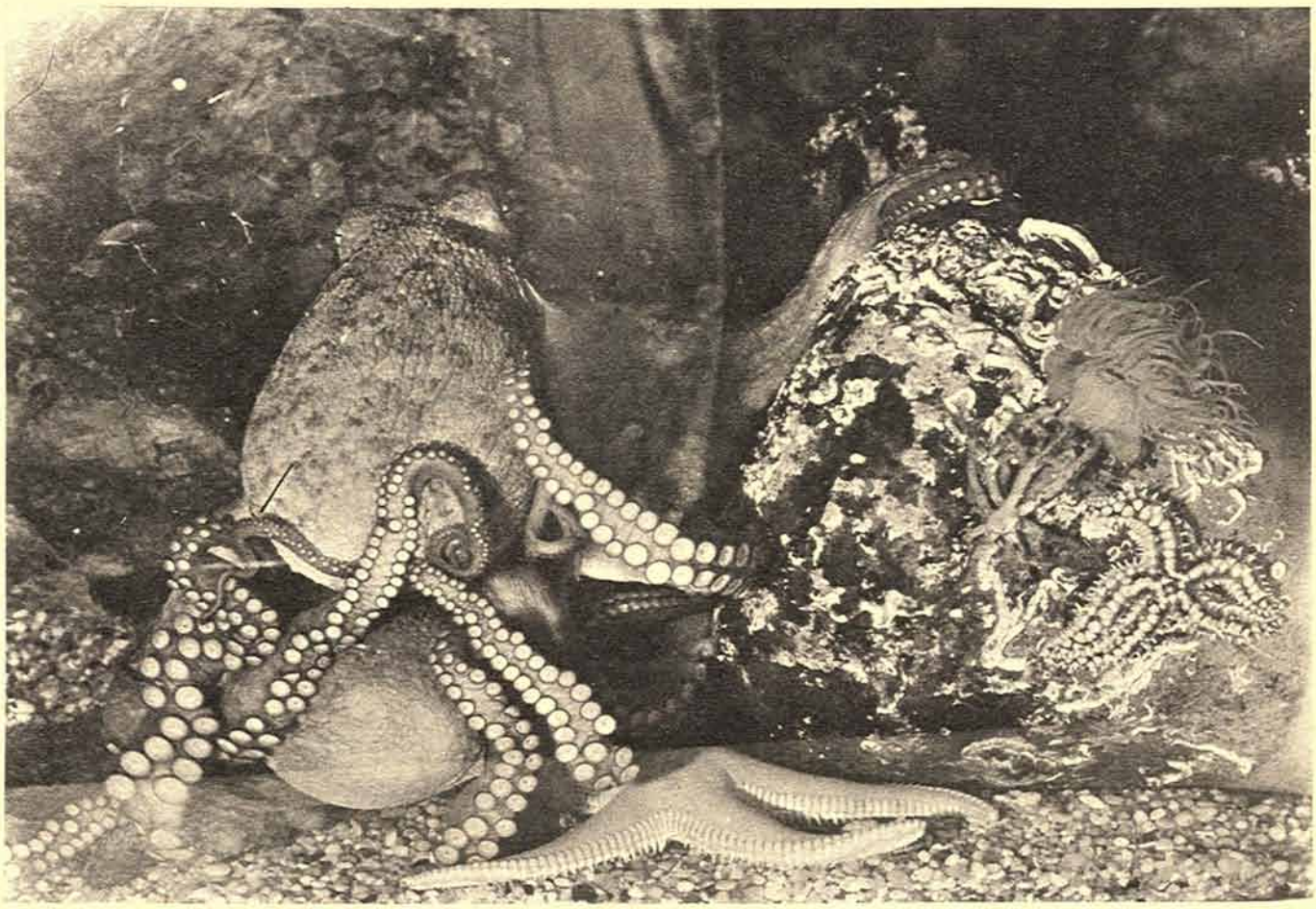
O Aquário Vasco da Gama foi construído pela Comissão Executiva do IV Centenário da Descoberta do Caminho Marítimo para a Índia, com o produto da receita própria que lhe fora criada pela carta de lei de 21 de Maio de 1896 e decreto com força de lei de 23 de Junho do mesmo ano, em terrenos da alameda de Algés, cedidos pelo Ministério das Obras Públicas.

Findas as festas das comemorações ficou o Aquário sendo propriedade do Estado; em 1901 foi integrado no Ministério da Marinha, sendo desde o início um estabelecimento nascido da Marinha constituindo seu carinhoso património.

O decreto com força de lei de 10 de Maio de 1919 que reorganizou o Aquário tornou-o numa estação de biologia marítima que passou a designar-se por Aquário Vasco da Gama – Estação de Biologia Marítima, com autonomia científica e administrativa, situação que se manteve até 1950, data da cisão, permanecendo o Aquário no local onde inicialmente fora construído e criando-se o Instituto de Biologia Marítima.

Nestes últimos 23 anos da sua existência, pode assistir-se a um ressurgimento lento mas positivo. Todas as suas piscinas foram reconstruídas ou executadas segundo novas concepções, o seu edifício foi ampliado (em 1971) com a construção de um pavilhão para as focas e, desde 1950, começou o Aquário a divulgar junto do público que o visita o gosto pela aquariologia, quer pela exibição de peixes exóticos tropicais, quer pela difusão de conhecimentos às pessoas interessadas.

O Aquário Vasco da Gama, agora integrado no ramo da investigação e dependendo do director-geral do Instituto Hidrográfico, é constituído por um museu e um aquário.



Polvo que se pode observar nas galerias de água salgada

No museu, logo à entrada no rés-do-chão, podem ver-se colecções de invertebrados da costa metropolitana e ainda parte do equipamento de laboratório e de campo utilizado pelo rei D. Carlos I, verdadeiro iniciador dos estudos de oceanografia em Portugal, nas suas campanhas a bordo do iate «Amélia».

Ainda adstrictas ao museu podem observar-se, no 1.º andar, duas salas com animais embalsamados (diversas espécies de peixes; tartarugas, focas, um feto de baleia e muitas aves marinhas).

O aquário apresenta:

a) Galeria azul (frente à entrada principal): série de gradual complexidade evolutiva nos animais aquáticos, a começar pelos espongiários e a terminar nos protocordados.

A fechar a galeria, uma exposição de peixes tropicais de água doce.

De notar uma lula gigante conservada em formol, com o comprimento total de 8,20 metros e de peso 207 quilos. Este exemplar foi capturado na Gronelândia pelo arrastão «Elisabeth» e foi oferecido ao Aquário em 1972 pela Sociedade Nacional dos Armadores do Bacalhau.

b) Sala das tartarugas: contém diversas espécies de peixes de água doce indígenas e exóticos, sendo de salientar a piranha, a tilápia (que desempenha um papel de extraordinário relevo na alimentação dos povos africanos e do sudoeste asiático), o achigã (predador muito voraz que destrói outros peixes e outros animais da fauna dos rios onde foi introduzido, talvez sem as necessárias precauções) e o gambusino – uma espécie utilizada no combate ao mosquito e exemplo de luta biológica para o controlo de formas perigosas para o homem. Podem ainda ver-se: o exemplo de uma lontra nadando num aquário meio de água, no qual se imita a margem de um rio, e no centro da sala um grande tanque elíptico com 12 tartarugas marinhas de duas espécies distintas e ainda duas gaivotas vivas que fazem graciosas evoluções de voo na sala.

c) Galerias de água salgada: logo à entrada, à direita e à esquerda, num total de 4 pequenos aquários, exibem-se espécimes de águas tropicais. Todos os restantes aquários exibem fauna característica dos mares metropolitanos.

Chama-se a atenção para as possibilidades estéticas e riqueza de vida nos grandes aquários, em que se utilizou como revestimento pedras recolhidas na região entremarés da Parede e do Guincho.

d) Pavilhão das focas: numa ampliação do edifício recentemente inaugurada podem apreciar-se: foca do Mediterrâneo – uma fêmea (espécie considerada em perigo de extinção). Presentemente o Aquário Vasco da Gama é o único no Mundo a ter um

exemplar vivo em cativeiro.
Otárias – provenientes do Sul de Angola, dois machos e uma fêmea.
Para a manutenção de todas estas espécies vivas de águas doce e salgada, há que recorrer a um complexo sistema de bombagens e filtragens e de canalizações, arejamento forçado por ar comprimido, aquecimento de determinadas águas além do constante controlo de todo o sistema. Todo este conjunto se realiza fora das vistas do público que não se chega a aperceber da complexidade da manutenção de um aquário desta envergadura.

António Ferreira
Auxiliar de investigador de 1.ª classe

---

desportos

CAMPEONATO DE BASQUETEBOL DA ARMADA

Com a participação de seis equipas: Esquadrilha de Submarinos, Escola de Fuzileiros, Grupo n.º 1 de Escolas da Armada, Centro de Educação Física da Armada, Comando de Segurança e Defesa do Edifício do Ministério da Marinha e Grupo n.º 2 de Escolas da Armada, tem decorrido nas instalações do C. E. F. A. o Campeonato de Basquetebol da Armada de 1973, com os seguintes resultados:

C. S. D. M., 53-Esq. Submarinos, 38
G. 1 E. A., 58-Esc. Fuzileiros, 38
C. S. D. M., 48-G. 2 E. A., 46
G. 2 E. A., 35-Esc. Fuzileiros, 34
Esq. Submarinos, 50-C. E. F. A., 46
C. S. D. M., 27-Esc. Fuzileiros, 24
G. 1 E. A., 54-C. E. F. A., 33
G. 2 E. A., 35-Esq. Submarinos, 32
C. S. D. M., 44-C. E. F. A., 36
G. 1 E. A., 32-Esq. Submarinos, 17
G. 1 E. A., 49-G. 2 E. A., 28

Classificação actual:

		J	V	D	Bolas	P
1.º	C. S. D. M.	4	4	–	172-144	8
	G. 1 E. A.	4	4	–	193-116	8
3.º	G. 2 E. A.	4	2	2	144-163	6
4.º	Esq. Submarinos	4	1	3	137-166	5
5.º	C. E. F. A.	3	–	3	115-148	3
6.º	Esc. Fuzileiros	3	–	3	96-120	3

Desenha-se assim uma luta para o 1.º lugar entre as equipas do Grupo n.º 1 de Escolas da Armada e do Comando de Segurança e Defesa do Edifício do Ministério da Marinha, na realidade as que melhor jogo apresentaram até ao momento.

Jorge Fonseca
Asp.

VITÓRIA DA "ALM. MAGALHÃES CORRÊA" EM COMPETIÇÕES INTERNACIONAIS

Em torneios desportivos realizados nos portos escalados pelos navios da STANAVFORLANT, a fragata «Almirante Magalhães Corrêa» acaba de conquistar o Troféu Desportivo da STANAVFORLANT, depois de ter vencido em futebol (4-2) e em voleibol (2-0) equipas holandesas.

ALMOÇO DE HOMENAGEM

No passado dia 26 de Maio, no salão de refeições do nosso supermercado da margem sul, teve lugar um almoço de homenagem ao mestre Luís António Marques, modelador naval do Museu de Marinha, que em breve atinge o limite de idade para passar à reforma.

Veio para o Museu em 1949, já com 46 anos de idade, trazido pela mão do nosso Chefe do Estado, quando ministro da Marinha, que sabiamente entendeu que este homem, cuja excepcional habilidade e saber tinham sido obtidos trabalhando na Colecção Seixas, não devia ser separado dela quando esta veio para a Marinha.

Nos 23 anos que lá a serviu, teve um comportamento de tal ordem que somente fez amigos e admiradores. Estes homenegearam-no com um almoço, uma lembrança e... flores.

Vale a pena chegar ao fim da actividade oficial e merecer que nos tratem assim.

NÃO TOME BANHO DEPOIS DAS REFEIÇÕES!

É esta a ideia que no presente ano se tentará inculcar no espírito daqueles que habitualmente frequentam durante a época balnear os locais servidos pelo mar, rios e albufeiras. De facto, uma das situações que no âmbito do Serviço de Assistência nas Praias mais acidentes tem gerado tem sido, precisamente, a resultante da ignorância ou menos caso de muita gente ao tomar banho a seguir a refeições abundantes. Esclarecimentos sobre as várias actividades do Serviço de Assis-

tência nas Praias, estatísticas, projectos para a próxima época balnear e outros elementos informativos foram fornecidos no passado dia 28 de Maio aos órgãos da informação, com o objectivo de uma ampla divulgação junto do público das normas de segurança a respeitar durante o uso das praias, pelo capitão-tenente Homem de Gouveia, chefe daquele serviço do Instituto de Socorros a Náufragos.

A MEDALHA DE OURO PARA O VICE-ALMIRANTE ORNELAS E VASCONCELOS

No dia 29 de Maio, ao apresentar cumprimentos de despedida ao ministro da Marinha por deixar o cargo de chefe do Estado-Maior da Armada, foi o vice-almirante Ornelas e Vasconcelos condecorado com a medalha militar de ouro de serviços distintos.

No decurso da cerimónia a que assistiram alguns dos oficiais generais que durante mais tempo trabalharam em colaboração directa com o vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, o ministro da Marinha relembrou a longa carreira deste oficial general, totalmente devotada à Armada e marcada por invulgar dignidade de atitudes e procedimentos, bem como por excepcional competência profissional.

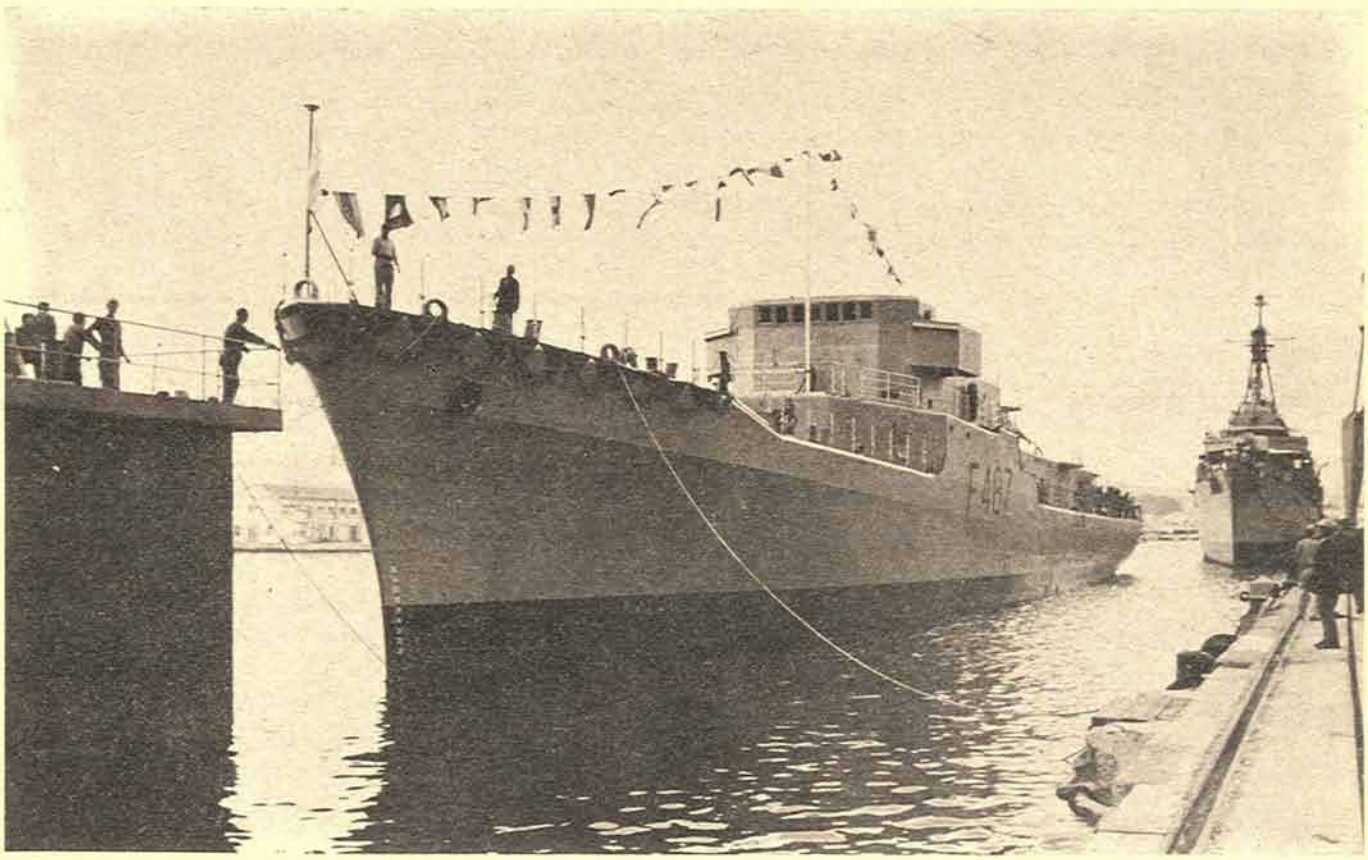
NOVO PRESIDENTE DO CONSELHO SUPERIOR DE DISCIPLINA DA ARMADA

Foi designado para desempenhar as funções de presidente do Conselho Superior de Disciplina da Armada o vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, que tomou posse deste cargo no passado dia 30 de Maio, substituindo no exercício de tais funções o contra-almirante Joaquim José Teixeira.

CONFERÊNCIA NO CENTRO DE ESTUDOS DE MARINHA

Realizou-se no dia 30 de Maio no Museu de Marinha uma sessão do Centro de Estudos de Marinha em que foi orador o professor engenheiro Eduardo de Arantes e Oliveira, que proferiu uma conferência subordinada ao tema «A engenharia de estruturas, especialidade irmã da arquitectura naval».

Presidiu o contra-almirante Sarmento Rodrigues, sendo a mesa da presidência constituída pelo reitor da Universidade Técnica, professor doutor António Maria Godinho; o conferencista, professor engenheiro Arantes e Oliveira; presidente e secretário da secção de Artes, Letras e Ciências, capitães-de-mar-e-guerra, Rodrigues dos Santos e Silva Gameiro, respectivamente, e secretário da secção de História Marítima, engenheiro inspector Viriato Campos. Entre a assistência destacavam-se vários académicos, individualidades civis, oficiais generais e superiores e muitas senhoras.

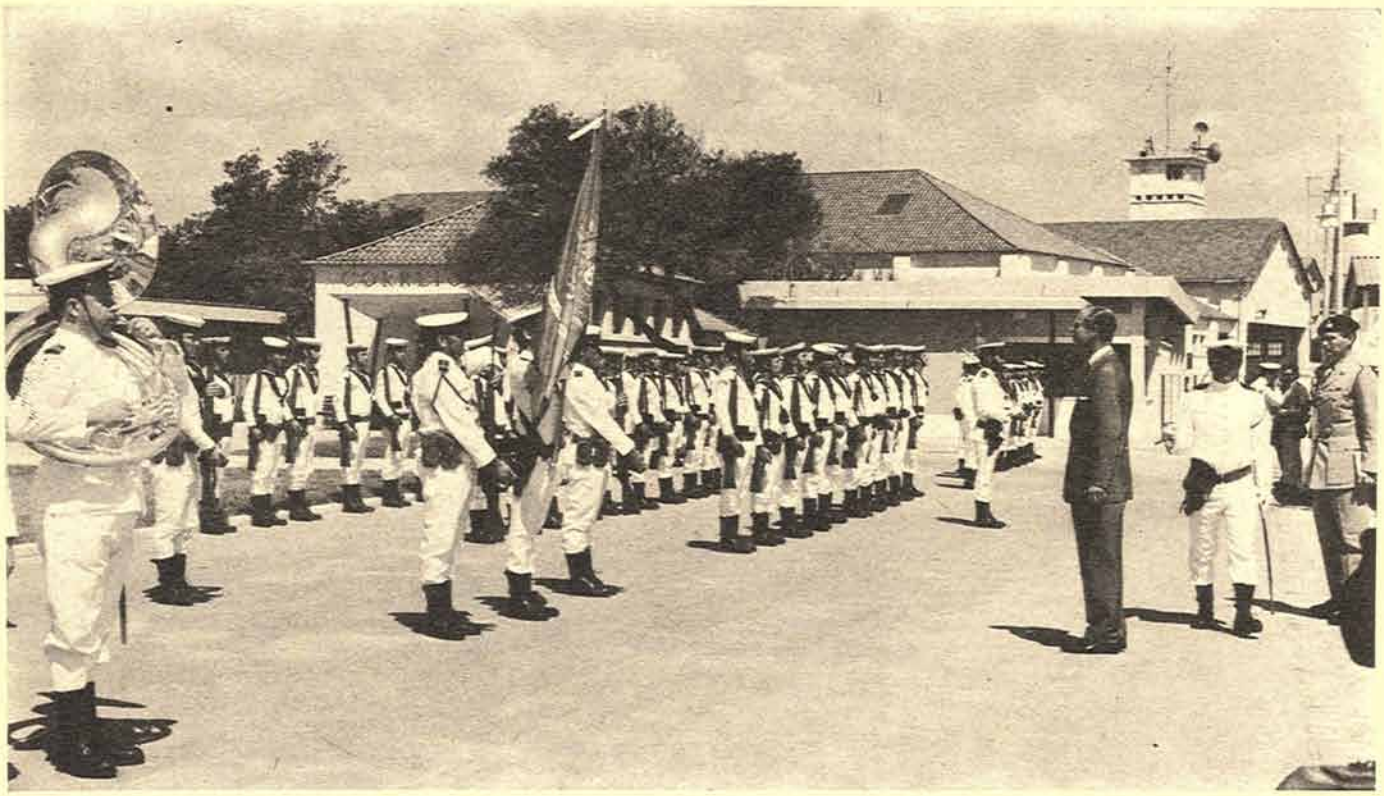


LANÇAMENTO À ÁGUA DA CORVETA «JOÃO ROBY»

No dia 3 de Junho, teve lugar em Cartagena, nos estaleiros da Empresa Nacional Bazan, a cerimónia do lançamento à água da corveta «João Roby», segunda de uma série de quatro em construção naqueles estaleiros para a nossa Armada.

Assistiram à cerimónia várias entidades da Marinha espanhola e outras autoridades, bem como membros do conselho de administração da empresa construtora e, por parte de Portugal, o director das Construções Navais, comodoro Rogério de Oliveira, cuja esposa foi madrinha da nova unidade, e o adido naval em Madrid, capitão-de-fragata Coral Costa.

João Roby assentou praça em 1890 e desde muito cedo se dedicou aos problemas das terras e gentes de África, onde prestou relevantes serviços. Tomou parte na campanha dos Namarrais e de Gaza, tendo participado no combate de Macontene. Foi, apesar de muito novo e numa altura difícil, nomeado agente consular e intendente do Governo no Niassa. Mais tarde, novamente em operações no Barué e depois em Angoche, decide oferecer-se para partir com uma coluna militar que ia pacificar uma região do Sul de Angola rebelada com indígenas do Cuamato; travada a batalha de Umpungo, com forças muito superiores, aqui vem encontrar a morte, com a idade de 29 anos. Mercê dos feitos heróicos praticados em África, João Roby era condecorado com os graus de oficial e cavaleiro da Ordem da Torre e Espada e com várias medalhas de prata da Rainha D. Amélia, comemorativas das expedições a Moçambique.



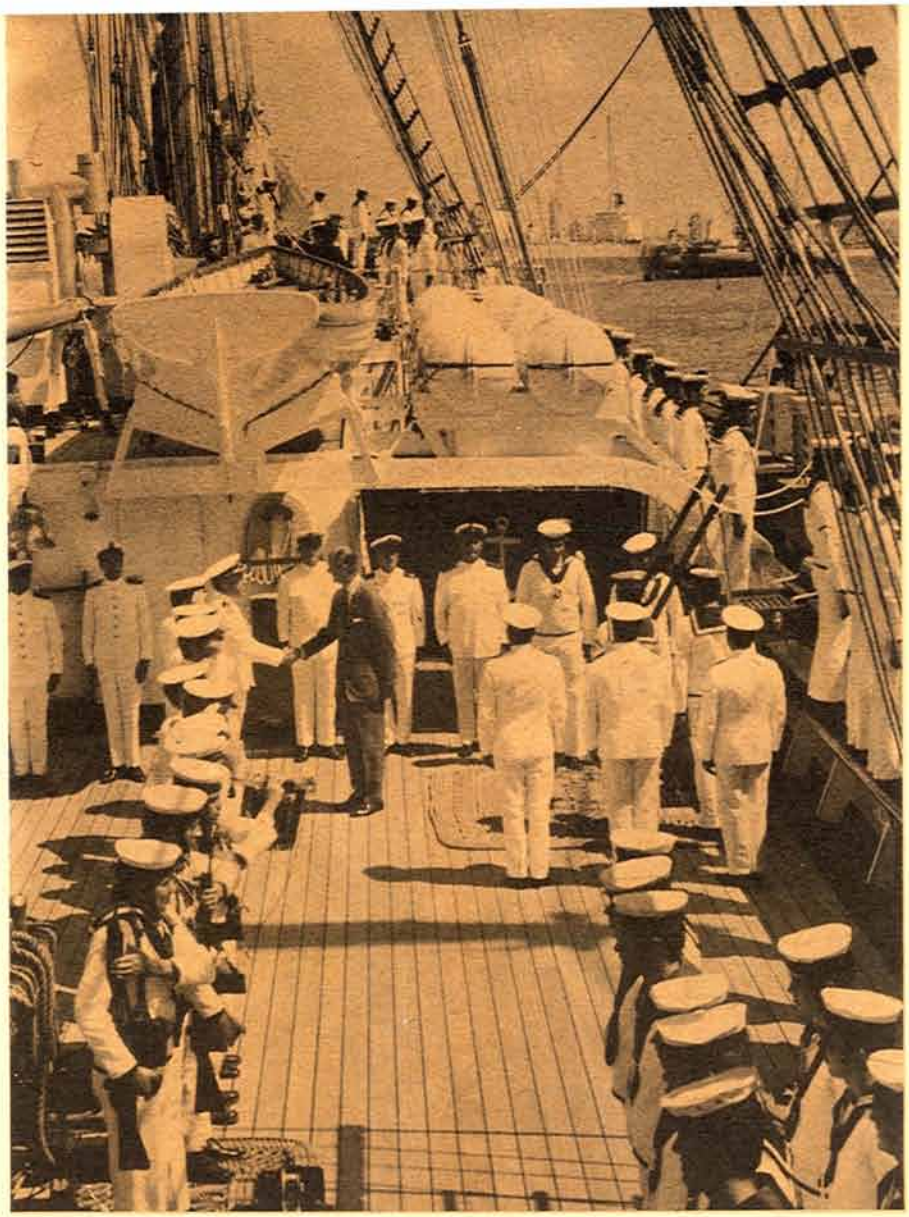
PRESENÇA DO DUQUE DE EDIMBURGO ENTRE A ARMADA PORTUGUESA

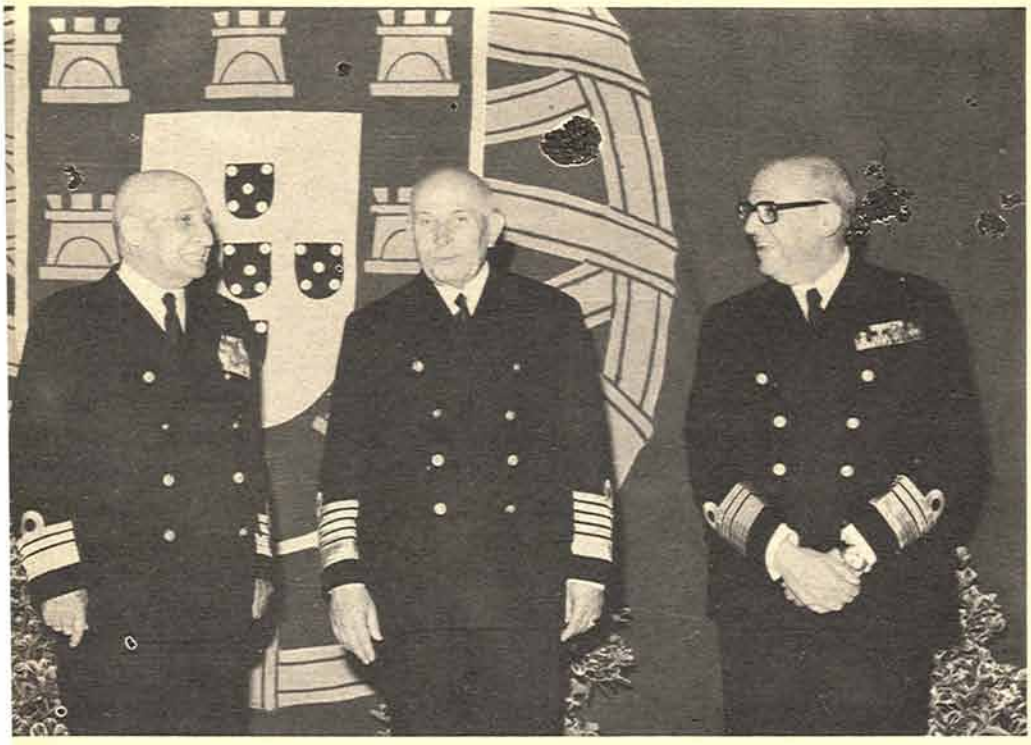
Sua Alteza Real o duque de Edimburgo deslocou-se a Portugal entre 5 e 8 de Junho por motivo das comemorações do 6.º Centenário da Aliança Luso-Britânica.

Do programa da sua estada constou uma cerimónia de homenagem aos Navegadores Portugueses em Belém, no dia 5, em que S. A. R. ali depôs uma âncora de flores na presença dos embaixadores da Grã-Bretanha em Lisboa e de Portugal em Londres; ministros da Marinha e dos Negócios Estrangeiros; embaixador Caldeira Coelho; contra-almirantes Ferreira de Almeida e Ferrer Caeiro, comandante naval do Continente; chefe do protocolo do Estado; comodoro Silva Braga, subchefe do Estado-Maior da Armada; altos funcionários diplomáticos britânicos e portugueses e outros oficiais. A força participante foi constituída por um batalhão da Armada composto por duas companhias a três pelotões, formação de comando e bandeira e também pela Fanfarra e pela Banda da Armada, que executou os hinos nacionais dos dois países; ainda, fundeados em frente ao monumento, o navio-escola «Sagres» e a fragata «Comandante João Belo», cujas guarnições estenderam em continência durante a cerimónia.

No dia seguinte, o príncipe Filipe deslocou-se à Base Naval, onde foi recebido pelo ministro da Marinha; comandante Naval do Continente, contra-almirante Ferrer Caeiro; comandante da Base, comodoro Sá Teixeira, e administrador do Arsenal do Alfeite, capitão-de-mar-e-guerra engenheiro construtor naval Caldeira Saraiva; passou revista à guarda de honra a cujo desfile assistiu e dirigindo-se à ponte n.º 2 do Arsenal do Alfeite, entrou a bordo do navio-escola «Sagres», do comando do capitão-de-fragata Ferreira da Costa, que visitou e onde assistiu ao estender da guar-

nição em continência, a qual o saudou com os vivas da ordenança na altura do seu embarque no «hovercraft» que o levaria ao Grupo n.º 1 de Escolas da Armada; aqui, foi recebido pelo contra-almirante Braga da Silva em representação do ministro da Marinha e pelo comandante da unidade, capitão-de-mar-e-guerra Vosgien de Noronha, que lhe apresentaram cumprimentos e com quem S. A. R. trocou algumas impressões assim como o fez, neste Grupo de Escolas e no navio-escola «Sagres», informalmente, com vários elementos das respectivas guarnições.

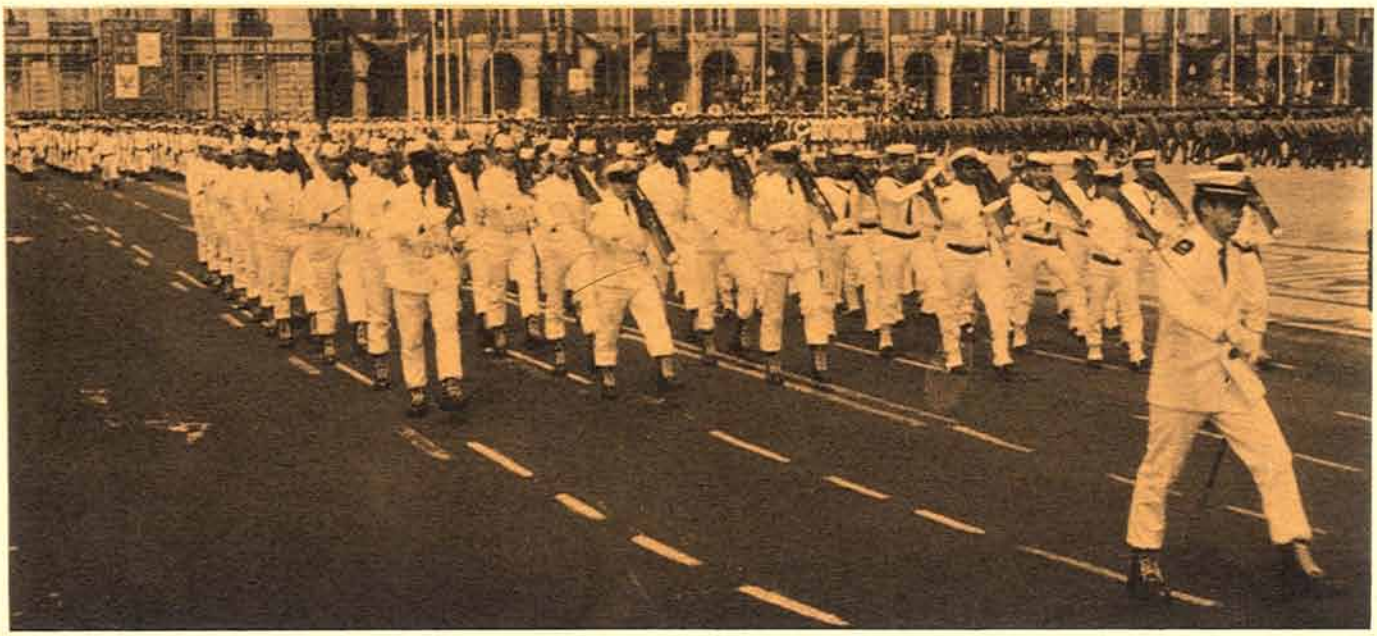




OS MINISTROS DA MARINHA NOS ÚLTIMOS 29 ANOS

Esta fotografia, tirada na Escola Naval, no jantar de homenagem ao vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, tem a particularidade interessante de reunir os três últimos ministros da Marinha. O primeiro, actual Presidente da República, almirante Américo Thomaz, foi nomeado em 6 de Setembro de 1944, tendo permanecido até 15 de Maio de 1958. Sucedeu-lhe o contra-almirante Quintanilha e Mendonça Dias, que se manteve no lugar até 19 de Agosto de 1968, data em que foi substituído pelo contra-almirante Pereira Crespo.

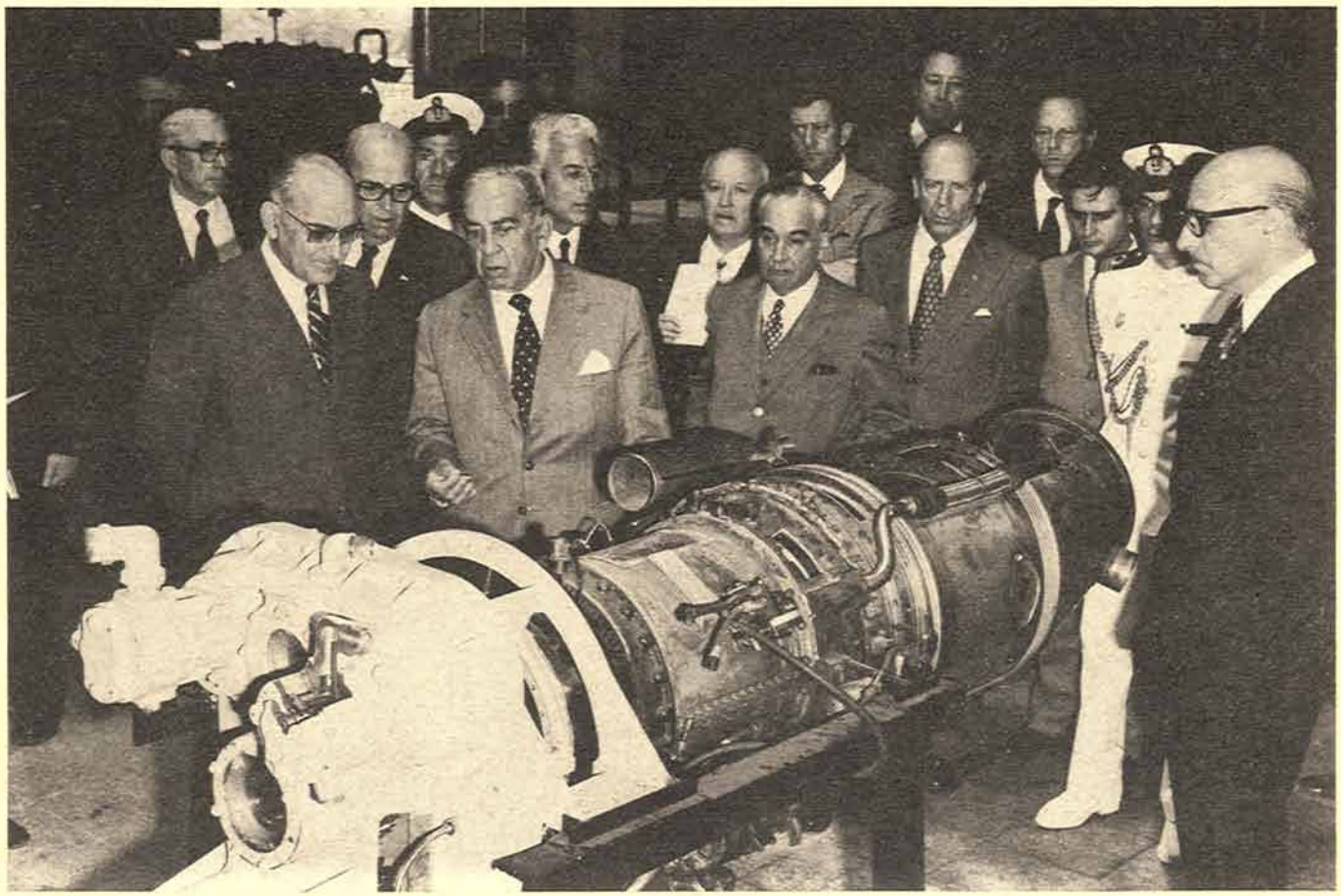
COMEMORAÇÕES DO DIA DE PORTUGAL



Realizaram-se no passado dia 10 de Junho em todo o País as cerimónias comemorativas do Dia de Portugal; em Lisboa, elas decorreram na Praça do Comércio, sob a presidência do Chefe do Estado, perante quem formaram e prestaram honras 3200 homens dos três ramos das Forças Armadas, instituições militarizadas e uma representação da Armada brasileira, facto inedito e altamente significativo das fortes relações existentes entre as duas comunidades. No Tejo, a fragata «Comandante João Belo» saudou também o Chefe do Estado com uma salva de 21 tiros.

Igualmente presentes à cerimónia Sua Excelência o Presidente do Conselho; membros do Governo;

representante do cardeal patriarca de Lisboa; altas patentes das Forças Armadas; membros do corpo diplomático e outras individualidades, assim como muito público.
Lida a alocução, que foi repetida em todos os locais onde se registaram idênticas cerimónias, iniciou-se a chamada dos condecorados, num total de 89, entre os quais quatro galardoados com o grau de oficial da Ordem Militar da Torre e espada: major Almeida Bruno, capitães Lobato de Faria e Ribeiro da Fonseca e alferes da Força Aérea Casal Martins.
Terminada a entrega das condecorações foi executado o toque de silêncio em homenagem aos militares mortos em combate, após o que se seguiu o toque de alvorada, enquanto no Tejo as guarnições das fragatas «Almirante Gago Coutinho» e «Comandante João Belo» e navio-escola «Sagres» formavam em continência. Seguidamente, as forças em parada prestaram honras aos militares condecorados e iniciaram o desfile em continência perante o Chefe do Estado, desfilando depois através da Rua Augusta até ao Rossio.
Também noutras cidades do País se desenrolaram cerimónias semelhantes; assim, no Porto, elas foram presididas pelo ministro da Marinha e em Évora pelo ministro do Ultramar, enquanto em Santarém presidiu o secretário de Estado da Aeronática e em Coimbra o secretário de Estado do Exército; aos Açores deslocou-se com esse objectivo o ministro de Estado Adjunto para o Planeamento Económico e na Madeira os actos tiveram a presidência do governador do distrito autónomo; em Cabo Verde as cerimónias decorreram sob a presidência do encarregado do Governo e nas outras províncias ultramarinas presidiram os respectivos governadores.



VISITA DO PRESIDENTE DO CONSELHO À ESCOLA NÁUTICA E AO «SOFALA»

Sua Excelência o Presidente do Conselho efectuou no dia 9 de Junho uma visita ao navio-motor «Sofala», da Companhia Nacional de Navegação, e ao novo edifício da Escola Náutica, em Paço de Arcos.
O professor doutor Marcelo Caetano foi recebido a bordo pelo ministro da Marinha; engenheiro João Rocheta, presidente do conselho de administração daquela Companhia; outros membros do conselho de administração e conselho fiscal e outras individualidades, assim como pelo comandante do navio, comandante Manuel Pacheco, que o acompanhou durante a visita aos principais compartimentos.
Na Escola Náutica, Sua Excelência o Presidente do Conselho, acompanhado do ministro da Marinha, foi recebido pelo respec-

tivo-director, contra-almirante David de Carvalho; director-geral dos Serviços de Fomento Marítimo, contra-almirante Paulino Pereira; presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante, contra-almirante Gomes Ramos; presidente do Grémio dos Armadores da Marinha Mercante, dr. Luís Gregório; intendente das capitanias, comodoro Malheiro do Vale; presidente da União dos Sindicatos dos Homens do Mar, dr. Ramos de Sousa, e outras entidades.

Após passar revista à guarda de honra formada por uma delegação de alunos da Escola de Mestrança e Marinhagem, o professor doutor Marcelo Caetano percorreu demoradamente as principais instalações dos cinco pisos do edifício, onde almoçou com as individualidades referidas, um aluno da Escola Náutica e outro da Escola de Mestrança e Marinhagem e vário pessoal do mar.

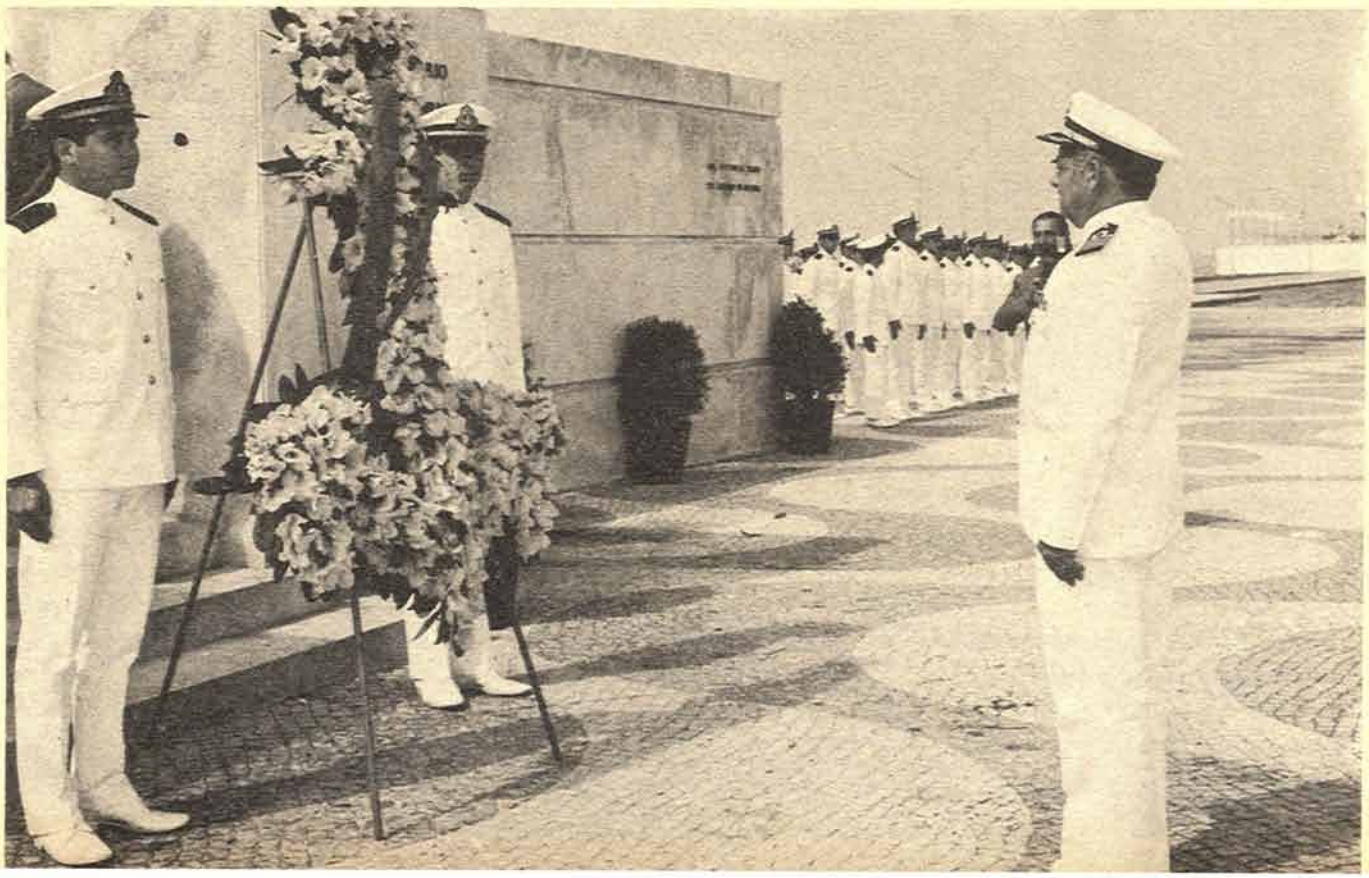
VISITA A LISBOA DO NAVIO-ESCOLA «CUSTÓDIO DE MELLO»

De 9 a 14 de Junho permaneceu entre nós o navio-escola «Custódio de Mello», em viagem de instrução de 93 guarda-marinhas brasileiros, 2 aspirantes do Exército brasileiro e 9 guarda-marinhas estrangeiros, entre os quais um português.

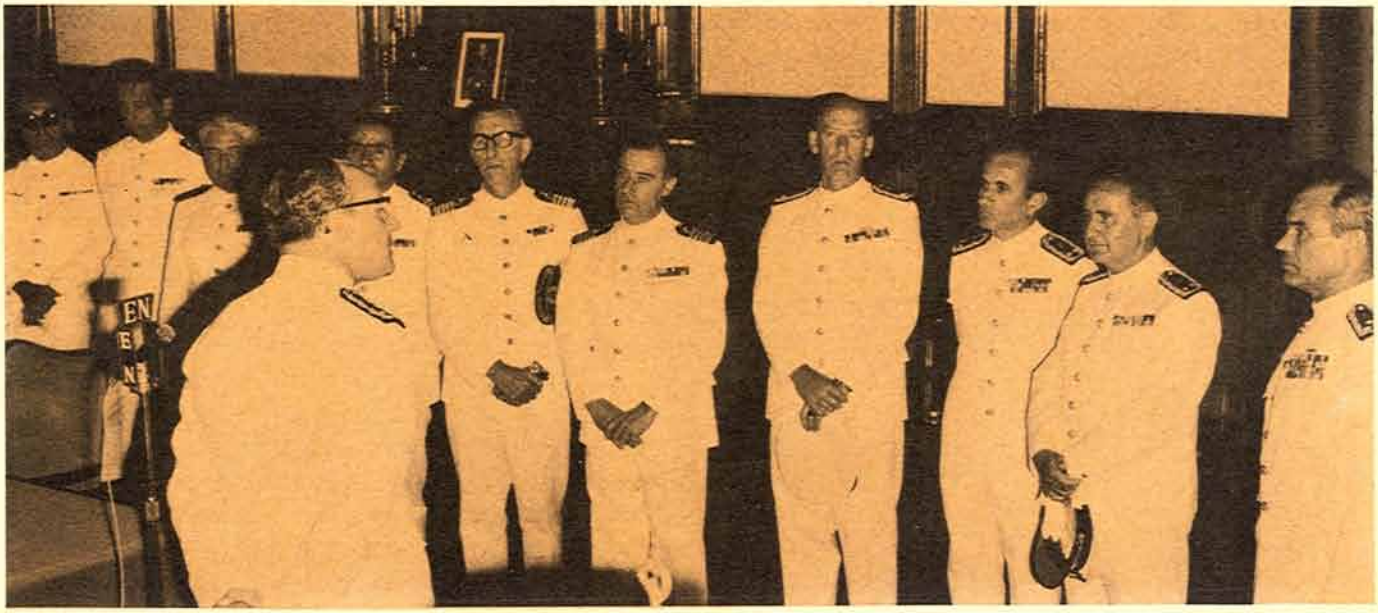
Do programa da estadia em Lisboa constaram passeios e visitas a locais de interesse turístico e ao Museu de Marinha, visitas à Escola Naval, Escola de Fuzileiros e Lisnave, além de competições desportivas na Base Naval.

No dia 12 foi prestada pela guarnição daquela unidade uma homenagem aos Navegadores Portugueses, em Belém, que consistiu na deposição de um ramo de flores pelo comandante do navio no Padrão dos Descobrimentos. A esta cerimónia assistiram o embaixador do Brasil em Lisboa; o ministro da Marinha; o vice-chefe do Estado-Maior da Armada, contra-almirante Tierno Bagulho; o comandante-naval do Continente, contra-almirante Luciano Bastos; o comandante da Escola Naval, comodoro Barahona Fernandes; o adido naval brasileiro, capitão-de-mar-e-guerra Costa Veloso, e oficiais das Armadas brasileira e portuguesa.

Após esta cerimónia, o comandante do «Custódio de Mello», capitão-de-mar-e-guerra Henrique Saboia, apresentou cumprimentos ao ministro da Marinha no seu gabinete, e foi condecorado por este membro do Governo com a medalha naval de «Vasco da Gama».



ENTREGA DO CARGO DE COMANDANTE NAVAL DO CONTINENTE



No dia 11 de Junho decorreu na Base Naval a cerimónia da entrega do cargo de comandante naval do Continente do contra-almirante Ferrer Caeiro ao contra-almirante Luciano Bastos, que assim passa a desempenhar aquelas funções. Assistiram à cerimónia o director das Construções Navais, comodoro Rogério de Oliveira; o comandante da Base Naval, comodoro Sá Teixeira; o comandante da Escola Naval, comodoro Barahona Fernandes; o administrador do Arsenal do Alfeite, capitão-de-mar-e-guerra engenheiro construtor naval Caldeira Saraiva, e os comandantes e oficialidade das unidades directamente subordinadas, tendo no final o chefe do estado-maior do Comando Naval, capitão-de-mar-e-guerra Dias Martins, feito entrega ao contra-almirante Ferrer Caeiro de um escudete como lembrança de todos os oficiais da Base que com ele serviram.

DRAGFLOTEX – 73

De 11 a 22 de Junho decorreram ao largo de Leixões exercícios de contramedidas de minas levados a efeito pelo Task-Group 21.3, constituído pelos draga-minas «Lajes», «Velas», «St.ª Cruz», «Lagoa» e «Horta», sob o comando do CTG 21.3 capitão-de-mar-e-guerra Soares Parente, comandante da Flotilha de Draga-Minas, embarcado no navio-chefe «Lagoa».

A estes exercícios assistiu uma equipa de jornalistas que, após a realização de uma conferência de imprensa no Comando da Defesa Marítima dos Portos do Douro e Leixões, embarcou naqueles navios.

POSSE DO CHEFE DO ESTADO-MAIOR DA ARMADA

Teve lugar no dia 14 de Junho a posse do chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ferreira de Almeida, a qual decorreu no gabinete do ministro da Marinha com a presença do secretário de Estado do Trabalho e Previdência; representantes do ministro das Corporações e da Saúde e da subsecretária de Estado da Saúde e Assistência; procurador-geral da República; chefes dos Estados-Maiores General das Forças Armadas, do Exército e da Força Aérea; altas patentes dos três ramos das Forças Armadas; numerosos oficiais da Marinha e muitas outras personalidades.

O vice-almirante Ferreira de Almeida exercia até agora o cargo de secretário-adjunto da Defesa Nacional, funções em que foi substituído pelo contra-almirante Tierno Bagulho, a quem o ministro da Defesa Nacional conferiu posse no mesmo dia.

quarto de folga

RECORDANDO O PASSADO...

Em 1948 comemorou a Marinha de Guerra Espanhola o seu 4.º centenário, convidando para a sua celebração várias marinhas estrangeiras, que se fizeram representar por unidades navais. Sevilha, banhada pelo Guadalquivir, foi a cidade escolhida para servir de sala de visitas aos marinheiros de muitas nações, entre eles os portugueses, que para lá navegaram a bordo da «Sagres» (a antiga – a que presentemente só flutua, não navega e se chama «Santo André»).

Seis guardas-marinhas, entre eles o autor deste apontamento, tiveram a ventura de, embarcados na «Sagres», ir a terras de Espanha, de certo modo representar a Escola Naval, nas várias cerimónias militares que em Sevilha tiveram lugar.

Lembro-me que os dias que lá passámos foram muito ocupados com o cerimonial – paradas, conferências, recepções, etc. ... –, mas houve uma tarde livre, que todos nós destinámos às «compras» para a família e para as noivas... Dentre nós seis, um havia que proclamava dominar o belo idioma castelhano; daí, por aceitação geral, foi encarregado para nos servir de cicerone e de intérprete junto das «guapíssimas» caixeirinhas dos armazéns sevilhanos.

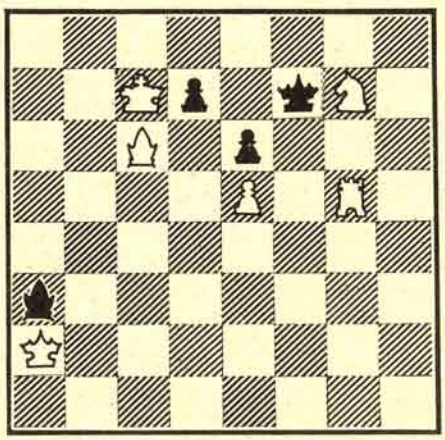
Penso que entrámos ou no Corte Inglês ou nas Galerias Preciados, não posso precisar, ávidos de comprar bem e barato, dirigindo-se, o tal guarda-marinha que dominava o «dialecto», a uma gentil empregada, e no seu mais puro castelhano perguntou-lhe, de um fôlego (julgo eu!), por determinado artigo que pretendia comprar. Os restantes cinco, que assistiam atónitos àquela facilidade de expressão do seu camarada, ficaram perplexos ao ouvir a pequena, depois de ter por largo tempo apurado o ouvido e arregalado os olhos, dizer: – Hombre, habla usted un portugués muy cerrado, no lo entiendo.

Não seria necessário acrescentar mais nada, até porque todos sabemos que em Espanha, e muito particularmente em Sevilha, quase todos compreendem o português, desde que não seja muito «cerrado»!...

S. Guimarães
Cap.-frag.

XADREZ

(Solução na p. 34)



Jogam as brancas e ganham.

CONCURSO N.º 23

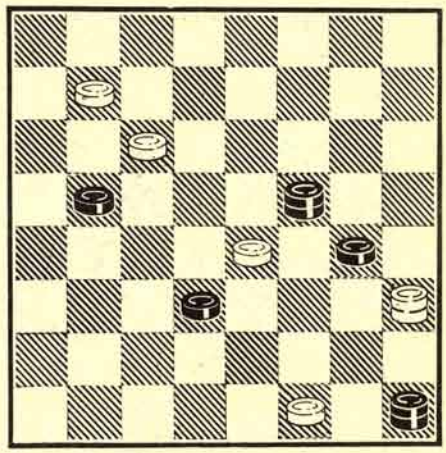
Sorteiro de um prémio entre as respostas certas.

A propósito da fotografia da capa do nosso n.º 21, um leitor curioso propõe o seguinte concurso:

Destes navios gémeos, diga-nos as pequenas diferenças que nota. O vencedor, será o que notar mais diferenças; em caso de igualdade, tirar-se-á à sorte.

DAMAS

(Solução na p. 34)



Jogam as brancas e ganham em três lances:

PROBLEMAS PARA ENTRETER

1 – Um vagabundo que se encontra na rua começa a procurar pontas de cigarro, pois sente-se sem tabaco, até que reúne 49. Sabendo-se que sete pontas correspondem a um cigarro, e que ele fuma um cigarro cada três quartos de hora, para quanto tempo lhe dará o abastecimento?

2 – Que distância pode percorrer um cão para dentro dum bosque?

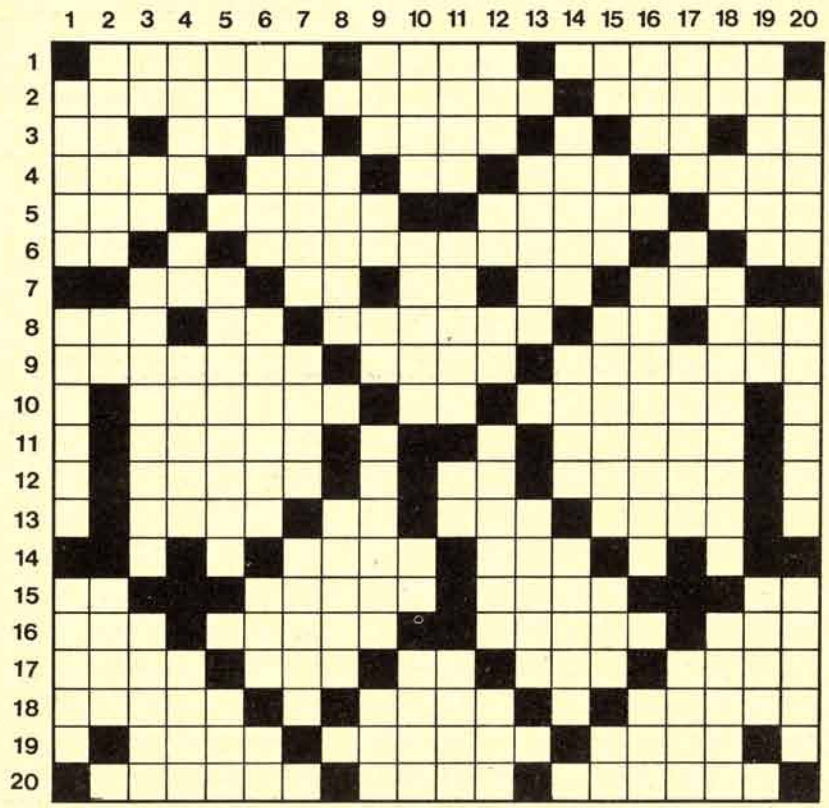
3 – Há cinco maçãs num cesto; suponha que temos também 5 pessoas à mesa. Como repartir as maçãs de forma que a cada uma caiba uma maçã e fique uma no cesto?

4 – Um homem vai para o seu trabalho num eléctrico de trajecto circular. O seu emprego fica num ponto diametralmente oposto à sua casa. Viajando a quarenta quilómetros por hora, numa direcção, demora uma hora e vinte minutos a

fazer a viagem à mesma velocidade, na outra direcção, demora oitenta minutos. Porquê?

F. Bastos
2.º-gr. RM E

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 – Acontecimento; a parte mais larga do intestino grosso; Academia. 2 – Deus egípcio mulher ridícula; arria a vela da embarcação. 3 – Reserva Naval; consoante dobrada; planície na Guiné; antes de Cristo; preposição. 4 – Dinheiro; por especial favor; apelido; botequim; planta trepadeira de S. Tomé. 5 – Cada um dos corpos que a corrente eléctrica desagregou; insecto odeóptero, longicórneo e liguívoro; medo; argola. 6 – Senhor; dar aspecto campesino; alternativa. 7 – Grande quantidade (fig.); antes de Cristo; nome de letra; letra grega (inv.); vazia. 8 – Medida de superfície; preposição; auxiliares da vista; oferece; negativo. 9 – Nome de peixe; castro; vestuário. 10 – Sapatear; ali; expelir pela uretra (inv.) 11 – Abril (inglês); maltratei (inv). 12 – Festa da família; dois mil; introduzi. 13 – Soar; graceja; árvore cuja casca aromatiza o vinho; peixe marítimo de Pernambuco. 14 – Faixa; a mais velha das vestais. 15 – Ruim; ramificação; terreno em que se secam cereais; nota musical. 16 – Raiva; habitar; gritara (gír); forma do verbo ter. 17 – Flanco; rata; nota musical; nome de mulher; rio de Portugal. 18 – Inferno; assunto; importante região turística da Áustria. 19 – Cidade; experimentado; nome de mulher. 20 – Profeta hebreu; ramos de uma planta; raspara.

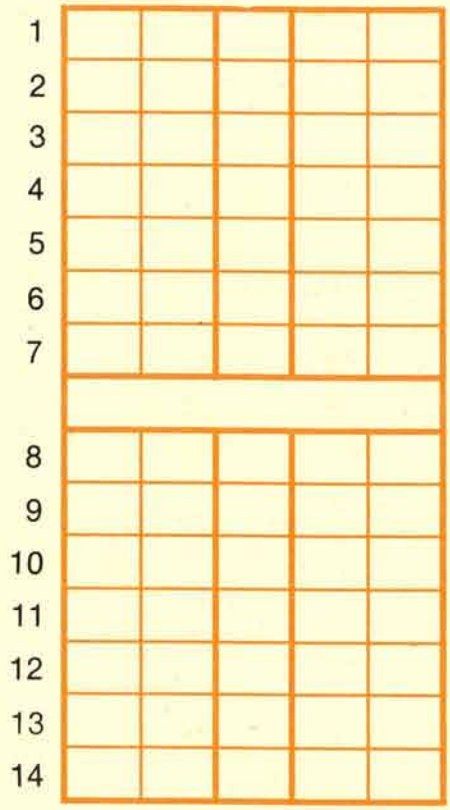
VERTICAIS: 1 – Tecido da Índia; notificar; relativo aos dentes molares. 2 – Evacuar; batráquio; lavrar. 3 – Li; pedra de moinho; relativo ao comércio; despedida. 4 – Solitário; nota musical; planta medicinal eficaz contra mordeduras de cobra; trabalho. 5 – Pano antigo; referir; nome africano da noz de cola. 6 – Tarado sexual (gír); igual; tornar macio; grande quantidade; duas vogais. 7 – Utensílio para traçar linhas rectas; duas vogais; consoante dobrada; lampião na popa da embarcação. 8 – Fazenda Pública; versejai. 9 – Protóxido de cálcio; porco (inv); duzentos; soltar gritos agudos; possuir. 10 – Casta entre os japoneses; par; o mais; animal feroz. 11 – Junta; penugem dos animais; ruim; magistrado administrativo, judicial e fiscal entre os moiros. 12 – Antiga medida de comprimento; planta da China; vogal dobrada; nome de homem; liga. 13 – Ruas estreitas sem saída; alheia a determinado assunto. 14 – Roubar (gír); espadim (des); lavrada. 15 – Basta; grande quantidade; antigamente; lavra; apelido. 16 – Ave pernalta; diálogo entre marido e mulher (pl); companhia portuguesa de aviação. 17 – Grande pedaço; antes de Cristo; dirigi com a proa; instrumento musical. 18 – Eu (ant); pron. pes. compl.; espécie de paralisia (pl); extrair. 19 – Pássaro africano; o mais; movo os remos. 20 – Vogais; planta clusiácea do Brasil; empacota.

Dantas Couceiro
Asp. R. N.

(Solução na p. 34)

– Então não viste o sinal de zig-zag?!
– Eu vi!... Mas só consegui fazer o zig.

PILHA DE PALAVRAS



1 – Órgão da vista (pl.). 2 – A mais pequena moeda dos antigos Gregos, que valia um sexto de dracma. 3 – Enfeitar. 4 – Planta faseoláceа-papilionácea, espécie de ervilhaca. 5 – Vagem na base do pecíolo de algumas plantas de folhas alternas. 6 – Inflamação da membrana mucosa do ouvido. 7 – Cidade da Polónia (Silésia), à beira do Óder, até há pouco alemã. 8 – A parte mais alta de cada membro superior do homem, onde o úmero se articula com a omoplata. 9 – Ornato em forma de ovo que guarnece uma cornija ou o capitel dórico. 10 – Pessoa gorda (pl.). 11 – Executar. 12 – Arejar. 13 – Molusco lamelibrânquio bivalve, perlífero ou comestível. 14 – Modificação alótropa do oxigénio, fórmula O_3.

Depois de resolvido este passatempo, na coluna central, o leitor encontrará o nome de um navio de guerra da nossa Armada. Este passatempo apresenta a particularidade de as palavras se iniciarem pela letra «O».

J. M. Baptista da Silva
Cabo L n.º 1476/66

SOLUÇÕES

XADREZ

Db1 – f5

DAMAS

Brancas:	Pretas:
f1 – g2	h1 x d5
b7 – c8	d5 x b7
c8 x e2	

PROBLEMAS PARA ENTRETER

(Soluções do número anterior)

1 – Enrole lentamente um dos lados da nota, utilizando os polegares e os indicadores. Faça que o rolo empurre, pouco a pouco, a garrafa até retirar a nota.

2 – Coloque-se do lado oposto da mesa e leia a equação.

3 – Com o indicador esquerdo aperte fortemente a moeda do centro. Desloque ligeiramente a moeda da direita para a direita com os dedos da mão direita; atire-a, depois, com firmeza, contra a do centro. A moeda do extremo esquerdo saltará para o lado. Desloque a moeda da direita para o espaço que aquela deixou livre.

4 – Não sopre sobre a moeda, mas sim sobre a aresta do cartão cujo bordo se inclinará, deixando cair a moeda dentro do copo.

5 – Cruze os braços antes de apanhar as duas pontas do guardanapo. Quando os descruzar, o nó já estará dado.

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 – Evento; ceco; Ateneu. 2 – Osiris; ratona; amaina. 3 – RN; mm; lala; a. C; de. 4 – Numo. PEF; Sá; bar; otai. 5 – lão; ragio; temor; elo. 6 – Sr; rustificar; ou. 7 – Mar; a. C; ge; or; oca. 8 – Are; em; óculos; dá; não. 9 – Carapau; capo; farpela. 10 – Clocar; lá; raniru. 11 – April; itsor. 12 – Natal; MM; metei. 13 – Toar; ri; aal; soia. 14 – Fita; dea. 15 – Má; ramal; eira; ré. 16 – Ira; morar; ugara; tem. 17 – Lado; roi; fá; Ada; Lima. 18 – Erebo; tema; Tirol. 19 – Urbe; perito; Sara. 20 – Isaías; ramo; rapara.

VERTICAIS: 1 – Ornis; acusar; mileo. 2 – Esnuar; rã; arar. 3 – Vi; mó; mercante; adeus. 4 – Ermo; fá; alpão; obra. 5 – Nim; reporta; obi. 6 – TS; par; maciar; ror; e a. 7 – Régua; u a; 1 l; farol. 8 – Fisco; rimai. 9 – Cal; ot; CC; atitar; ter. 10 – Etas; igual; al; fera. 11 – Cola; felpa; má; amim. 12 – Ona; ti; o o; Amadeu; ata. 13 – Becos; leiga. 14 – Gamar; faim; arada; 15 – Tá; ror; dantes; ara; Sá. 16 – Ema; oaristos; TAP. 17 – Naco; a. C; proei; lira. 18 – Ei; te; aneurias; tirar. 19 – Undalo; al; remo. 20 – a e i o u; oanani; emala.

PILHA DE PALAVRAS

1 – Olhos. 2 – Obolo. 3 – Ornar. 4 – Orobo. 5 – Ocrea. 6 – Otite. 7 – Opole. 8 – Ombro. 9 – Ovalo. 10 – Odres. 11 – Obrar. 12 – Orear. 13 – Ostra. 14 – Ozone.

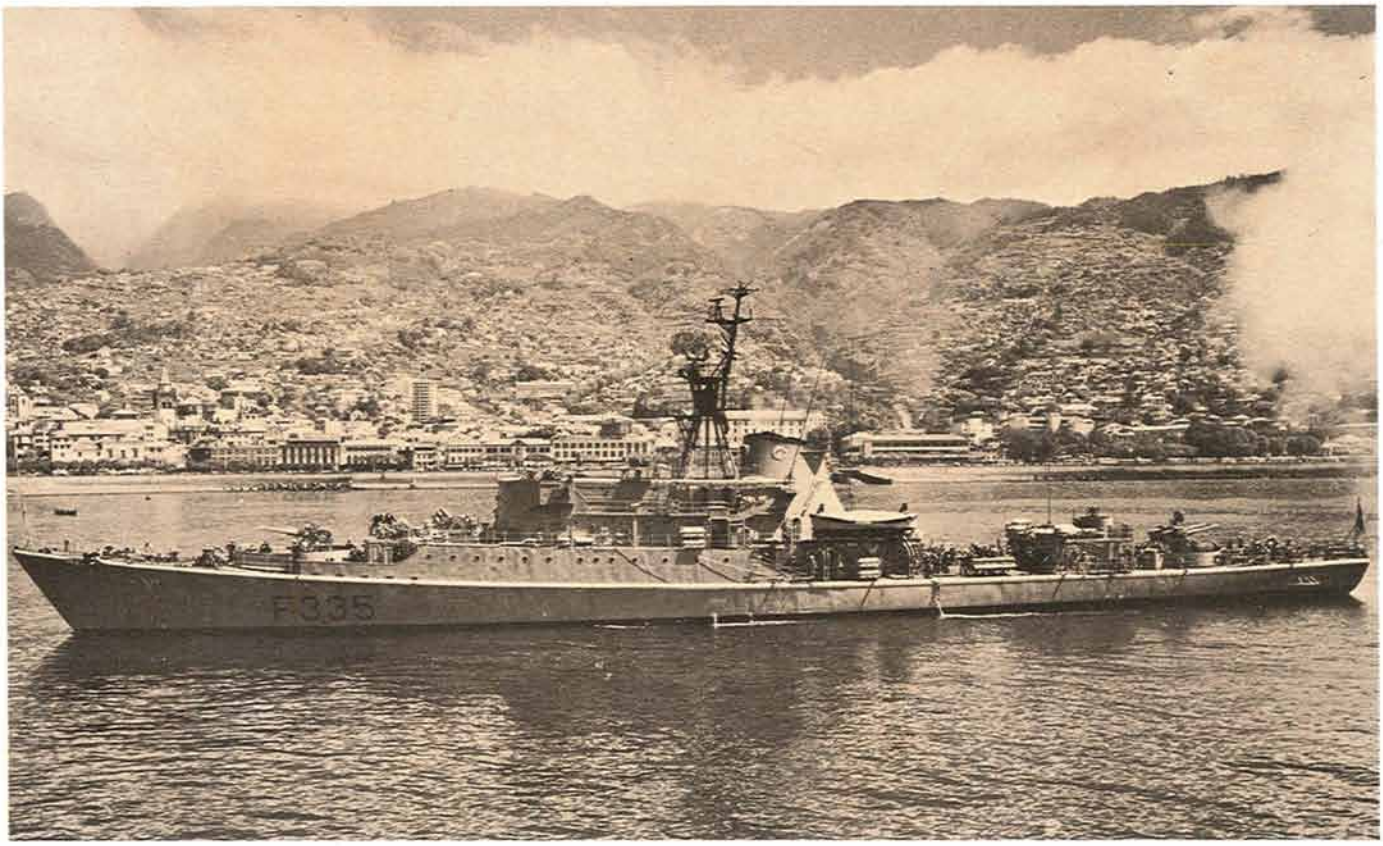
(Honório Barreto)

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 21

Bigota, sapata, polé, moitão, caçoilo, cadernal, lebre, estralheira, patesca, talha e teque.

VENCEDOR:
Vicente Figueira
1.º gr. M n.º 3179/71

A fragata «Pêro Escobar», navegando ao largo da baía do Funchal



Durante os exercícios de âmbito nacional, recentemente realizados (Maio 73), alguns navios escalaram o porto do Funchal. Na fotografia vêem-se o submarino «Albacora» e a fragata «Pêro Escobar» na manobra da atracação. As outras fragatas são as «Comandante Hermenegildo Capelo», «Comandante Roberto Ivens» e «Comandante João Belo». A manobra de atracação dos 5 navios foi feita em 22 minutos.

(Fotos Perestrellos, cedidas pelo cap.-frag. Turíbio de Abreu)

NAVIOS DA ARMADA

Aguarela de Artur Guimarães

NAU "NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO"

A aguarela foi feita a partir de um modelo de dois metros, existente na Ermida do Corpo Santo, em Leça da Palmeira, nos arredores do Porto. Desconhece-se a história deste modelo e da razão porque ali foi parar, mas não é desprovido de senso considerá-lo um ex-voto de alguém que lá o colocou em cumprimento de alguma muito sentida promessa, como é costume fazerem os homens do mar, como expressão da sua religiosidade. Trata-se de uma nau dos séculos XVII/XVIII. O modelo foi encontrado maltratado, faltando-lhe inúmeras peças. Por incumbência do presidente da Câmara de Matosinhos, foi este devidamente restaurado por Artur Guimarães e Francisco Soares. É um belo exemplar de um navio da época apontada, onde era costume primar-se pelos trabalhos de talha que se faziam nos navios, sobretudo à popa, para os embelezar.